

Estimados leitores, estimadas leitoras, alegremo-nos! Com Deus, vivamos felizes, amando e fazendo o bem. A misericórdia e a compaixão transcendem a lei.

O Papa Francisco nos chama à misericórdia, pois quem a pratica não teme a morte e vê a Deus como Ele é: “Belo, cheio de luz, cheio de amor, cheio de ternura”.

Ir. Claudino Falchetto, em sua mensagem à CRB pelos 60 anos, diz-nos que a CRB Nacional, ao completar sessenta anos, manifesta essa fé inquebrantável de que vale a pena entregar-se ao seguimento de Jesus, sempre com os pés na realidade.

A seção Baú da Memória resgata um texto de 1995, do Frei David Raimundo Santos, OFM, sobre o Rito Católico Afro-Brasileiro. A inculturação é uma das condições para que a Igreja seja de Deus, e para isso precisa de diálogo e sensibilidade. E deve ter maturidade para lidar com os conflitos próprios da inculturação.

A seção Informes anuncia o início do processo para a beatificação de Dom Luciano de Almeida, SJ. É um caminho longo, segundo monsenhor Natali, vigário judicial, advogado da causa de Dom Luciano. O maior desafio será reunir os casos das pessoas mais humildes, mendigos e doentes, de quem Dom Luciano costumava cuidar, depois de um dia inteiro de trabalho nos afazeres como bispo.

“O encanto e o desencanto da VRC”, texto do Ir. Vicente, lassalista, convida-nos à essência, onde se encontra o sentido da nossa vida. Diz ele que “a vida se torna mais bela quando

nos deixamos surpreender pelas pessoas que nos encantam a cada momento de nossas vidas”. Ao contrário disso, a vida se torna um desencanto quando acreditamos que não vale lutar por algo de bom que nos preenche como ser religioso.

Na seção Artigos, *Convergência* se antecipa à abertura do Ano da VRC, que será dia 30 de novembro de 2014, e publica o primeiro texto sobre o tema. Ir. Afonso Murad escreve “A alegria itinerante de discípulos/as missionários/as. Atitudes da Vida Religiosa Consagrada ‘em saída’”. Informa Murad: “Espera-se oferecer um material de reflexão e discussão para as pessoas e as comunidades, especialmente por ocasião do Ano da Vida Religiosa Consagrada”. Desenvolver-se-ão aqui dois pontos: alegria e leveza e atitudes básicas dos/as discípulos/as missionários/as na Igreja “em saída”.

Em seguida, dois textos sobre o sentido da morte ajudam-nos a entender que, quando se vive em Deus, morrer é uma passagem feliz. Sonia Färber publica “O cristão diante da universalidade da morte”. A morte não é o fim, mas, segundo a autora, a vida permanece, transcende e se amplia com essa passagem”. O outro texto é do Pe. Rafael Villaseñor, intitulado “A morte como o fim e a plenitude da vida”. O artigo faz uma abordagem do sentido da morte a partir da antropologia e da teologia bíblicas, buscando meditar o fato de envelhecer e de morrer como parte integrante da existência humana.

Por fim, com o Pe. Mauro Negro, vamos encerrar o ano de Mateus com uma percepção clara do que é, para o cristão e para a VRC, superar a lei dos escribas e dos fariseus. O artigo denomina-se “A VRC como um caminho da Justiça do Reino dos Céus”. A justiça do Reino de Deus vem permeada de compaixão e misericórdia, e o ser humano não é julgado e condenado, mas libertado e promovido.

LAURO DAROS, MARISTA

## Quem pratica a misericórdia não teme a morte!

Hoje em dia, disse o Papa, está generalizado “um jeito errado de olhar para a morte”. Ela “afeta a todos nós” e “nos desafia de maneira profunda”, especialmente quando, de modo “escandaloso”, ela nos toca de perto ou golpeia as crianças ou os mais indefesos.

Quando vista como “o fim de tudo”, a morte “assusta, aterroriza, se torna uma ameaça que despedaça todos os sonhos, todas as perspectivas, que rompe todos os relacionamentos e interrompe todos os caminhos”.

Numa concepção ateia, em que a vida é um enclave entre os dois polos do nascimento e da morte, a existência é concebida como um “aleatório achar-se no mundo a caminho do nada”. Há também um “ateísmo prático”, que se substancia na atenção exclusiva aos interesses próprios e às “coisas terrenas”.

Quando se opta por esta última concepção equivocada, “não há escolha senão a de ocultar a morte, negá-la ou banalizá-la por medo”, disse o Santo Padre.

E o coração humano se rebela contra este assunto, já que todos temos um desejo de “infinito”, uma “nostalgia do eterno”. Por isso, mesmo na tragédia da perda de um ente querido, “brada em nosso coração a convicção de que não pode ser tudo finito; de que o bem dado e recebido não foi em vão” e de que “a nossa vida não termina com a morte”.

Esta “sede de vida” encontra resposta “real e confiável” na ressurreição de Jesus, que não só nos dá a “certeza da vida

após a morte, como também ilumina o mistério da morte de cada um de nós”.

Cada pessoa “tende a morrer como viveu”: se a vida de um homem foi rica em misericórdia, ele estará preparado para aceitar a despedida final como “o abandono definitivo nas mãos acolhedoras de Deus”, para “contemplar o seu rosto face a face” e para ver a Deus como Ele é: “belo, cheio de luz, cheio de amor, cheio de ternura”.

Porque a morte está sempre à espreita, temos que nos preparar para ela, ficando sempre perto de Jesus na oração, nos sacramentos e na prática da caridade.

O Senhor está presente “nos mais fracos e necessitados” (cf. Mt 25,35-36.40). Portanto, sugere o papa, “um caminho seguro é o de recuperar o sentido da caridade cristã e da partilha fraterna, cuidando das feridas físicas e espirituais do próximo”.

Para receber em herança o Reino, é necessário praticar a solidariedade, compartilhando a dor e infundindo a esperança. “Quem pratica a misericórdia não tem medo da morte”.

“E por que não tem medo da morte? Porque aquele que pratica a misericórdia a encara nas feridas dos irmãos e a supera com o amor de Jesus Cristo. Se abrirmos a porta da nossa vida e do nosso coração para os irmãos, a nossa morte também se tornará uma porta para o céu, para a pátria abençoada, para onde rumamos no desejo de viver para sempre com o nosso Deus Pai, com Jesus, com a Virgem Maria e com os santos”, concluiu Francisco.

LUCA MARCOLIVIO

Fonte: [www.zenit.org/pt/articles/quem-pratica-a-misericordia-nao-teme-a-morte](http://www.zenit.org/pt/articles/quem-pratica-a-misericordia-nao-teme-a-morte)

Assim termina o sugestivo e antigo filme *Horizonte perdido*. Baseado em romance homônimo de James Hilton, sugere que o Shangri-La, o lugar da paz total, existe e que a fé é um ato ativo da vontade que vem ao encontro do dom gratuito de Deus. “Creio porque quero” me faz recordar os inúmeros atores que sempre testemunharam sua fé ao entregar-se à nobre tarefa de confirmar os irmãos e irmãs na fé. A CRB Nacional, ao completar sessenta anos de existência, manifesta essa fé inquebrantável de que vale a pena entregar-se ao seguimento de Jesus de maneira radical, sempre com os pés fincados no pó da realidade.

Na memória histórica desses sessenta anos de caminhada da CRB, foi-me pedido que levantasse do pó do esquecimento alguns dados que teimam em perdurar na lembrança dos atores e para testemunho ofertado às novas gerações. Sabemos que um povo sem memória histórica dificilmente estabelecerá ponte entre os acontecimentos do passado e a realidade da conjuntura atual. E este princípio é verdadeiro, mormente quando há mudanças de época, como é o caso atual.

O turbulento período dos anos 1960 foi de recuperação e de reestruturação para a jovem instituição dos religiosos, a CRB, graças à tenacidade de valente equipe encabeçada pelo Pe. Marcelo Azevedo, SJ. É oportuno lembrar que a Vida Religiosa Consagrada de então ostentava ainda evidentes manifestações de cristandade, apoiada na força numérica de seus membros e no reconhecimento e visibilidade sociais de suas obras, sobretudo, educacionais e sanitárias. A

crise econômica que a sufocara de certa maneira evidenciou que os rumos que vinham sendo adotados não passavam de graves desvios de rota. Foi necessário esforço hercúleo para reencontrar o rumo da nau em deriva. O grande mérito desse conturbado período foi o de superar a crise mantendo o foco no essencial com inovadoras iniciativas, mormente na área da formação inicial, tanto para formadores quanto para as novas gerações.

A presidência subsequente, a do Pe. Décio Batista, SDB, de 1977 a 1983, já com a crise financeira superada e com as bases estatutárias garantidas, consolidou e aprimorou a legislação, tornou efetivas as propostas da Nacional e garantiu sólidas orientações na relação com as Regionais.

O período de 1983 a 1989 pode ser resumido numa palavra: expansão. De fato, a CRB Nacional, apoiada na segurança institucional e na convicção de que vislumbrava horizontes possíveis de serem alcançados, cresceu no aprimoramento dos quadros internos e nas estruturas externas. E nada disso ocorreu sem a presença de inúmeros entraves e dificuldades, também esses alheios ou próprios.

A Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR), no bojo das conferências de Medellín e Puebla, assumia compromissos sempre mais claros e exigentes ante a realidade do povo empobrecido. Além disso, a fim de responder adequadamente ao apelo da Igreja para uma Nova Evangelização, “nova nos métodos, nova nos conteúdos e nova no ardor”, optou por evangelizar através da escuta da Palavra de Deus, com a elaboração do projeto “Tua Palavra é Vida”, que acabou sendo o principal argumento do Vaticano para a intervenção na CLAR e para a proibição do uso dos textos em todas as Conferências Nacionais.

No Brasil esta contestação foi superada graças ao empenho da Presidência da CNBB, que trouxe para si a responsabilidade de analisar os textos dos sete livros do projeto, apresentá-lo a todos os bispos em assembleia e autorizando o uso adequado pelos religiosos.

Na relação com o Vaticano, outras dificuldades referiam-se a questões do Estatuto da CRB que, após nove anos de aplicação *ad experimentum*, devia ser submetido à aprovação da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. A primeira dificuldade prendia-se ao privilégio concedido à CRB para ter como Presidente um ex-superior maior e não um superior maior em exercício; a segunda decorrente da primeira, graças à extensão territorial do Brasil, punha em xeque a existência de Regionais com a participação de todos os religiosos e não somente dos superiores maiores. O argumento de ser a CRB uma Conferência de superiores maiores inviabilizaria a presença de quem não o fosse.

Estas e outras objeções ao nosso Estatuto foram caindo uma a uma graças ao bom entendimento que foi possível estabelecer com os responsáveis das Conferências, no Vaticano. Não foi sem temores da imprensa e dos teólogos que o então Cardeal Hammer, Prefeito da CIVCSVA, aceitou convite para estar nas Assembleias de 1986 e de 1989, deixando-se envolver pelo clima de festa das assembleias e pela seriedade com que eram tratados os temas relativos à Vida Religiosa Consagrada. É desta época o documento “Mutuae Relationes”, que pretendia aperfeiçoar as relações nem sempre harmônicas entre os religiosos e seus pastores.

Outro fator preponderante para a manutenção de todas as nossas pretensões estatutárias durante o conturbado período de intervenção na CLAR foi certamente a excelente relação da CRB com a CNBB. A cooperação mútua, o diálogo constante, a presença nas reuniões mensais do Conselho Permanente, em Brasília, e nas Assembleias Geais, em Itaiaci, foram preponderantes para garantir a mesma relação com os pastores em todas as Regionais, país afora.

A afirmação de que o período de 1983 a 1989 foi de expansão pode ser comprovado pelo dinamismo dos organismos decisórios e de animação. Os executivos, em número de doze, provinham dos melhores quadros das congregações que generosamente ofereciam à Vida Religiosa Consagrada as pessoas mais qualificadas e que certamente fariam falta

em suas obras e animação. Com esses executivos foi possível o lançamento e a dinamização de inúmeras atividades em benefício de todos os setores da missão e dos carismas da VRC.

Foi nessa época que surgiram iniciativas em atendimento a reivindicações de religiosos inseridos nos meios populares, de religiosos negros e indígenas, de religiosos Irmãos, de profissionais psicólogos e outros que, embora já constituídos em agrupamentos por interesse, traziam novos enfoques da própria missão, baseados na realidade eclesial e social em permanente transformação. Para todos eles, além das comissões ofereceram-se simpósios e encontros nacionais ou regionais de tal forma a não excluir nenhum setor da missão primeira da CRB, que se resume na animação e coordenação da VRC.

Para todos esses setores foi de primordial importância a reflexão e o apoio da Equipe de Reflexão Teológica composta de representantes das diferentes áreas do pensamento teológico, configurando um quadro interdisciplinar de amplo espectro e de inegável valor em apoio à Vida Religiosa Consagrada e à interpretação dos sinais dos tempos.

Estas poucas linhas de recordação histórica retratam alguns dados factuais e deixam para outra ocasião toda a riqueza do pensamento e da reflexão a respeito daquilo que é peculiar à VRC e que pode ser resumido na busca de Deus e no seguimento de Jesus Cristo. Todo o investimento estrutural, financeiro e humano da CRB e de seus organismos nos permite reconhecer que a convergência em torno ao agir daqueles que se entregam ao seguimento de Jesus ilumina e dinamiza a própria instituição.

Na recordação histórica dos sessenta anos da CRB meu augúrio é que ela continue a apontar para o horizonte, a dar alma e encantamento a quantos entregam a própria vida a Deus tentando responder aos propósitos da opção e aos reclamos de realidade concreta do mundo de hoje.

Minha experiência à frente da CRB Nacional foi um ato de fé na opção pessoal alicerçada em Jesus Cristo e em

Maria, nossa Boa Mãe, como na certeza de que a mesma fé sustentou aquele e todos os subsequentes organismos de nossa querida CRB. Mas, se o entusiasmo, a esperança e o encantamento pela VRC como opção de vida foram um dom e uma graça de Deus, nossa embora diminuta contribuição responde a um ato de adesão voluntária à presença do Senhor. “Acredito porque quero!” [I believe because I want!].

Parabéns, CRB! *Ad astra!*

IR. CLAUDINO FALCHETTO, FMS,  
ex-presidente nacional da CRB: 1983-1989.

## Uma contribuição ao debate em torno do rito católico afro-brasileiro

### Introdução

Vivemos uma fase rica em torno da questão Litúrgica e o Rito Católico Afro-Brasileiro. O debate está ganhando impulso entre os Agentes da Pastoral Negros, e também dentro dos vários setores negros específicos: encontro de Mulheres Negras, encontro de Padres e Bispos Negros, encontro de Religiosos Negros etc. Percebe-se que na alta hierarquia da Igreja o assunto chegou meio de surpresa, levando, inclusive, o Cardeal Negro de Salvador, BA, Dom Lucas Moreira Neve, a ocupar a sua coluna do *Jornal do Brasil* de 04/04/90 com o assunto.

Precisamos garantir e contribuir com este clima de debate, pois todos vamos ganhar com isto!

### O processo de inculturação na África e seus conflitos

Em 12 de abril deste ano de 1990, a Comissão de Religiosos Negros do RJ recebeu a visita de uma Delegação Africana na baixada fluminense. Foi um rico momento de troca de experiências. Alguns nos relataram como se deu em seus países o processo de inculturação da cultura negra, em suas respectivas Igrejas:

1) Segundo o Pastor da Igreja Presbiteriana da Nigéria, James Udogu Ukaegbu, até o ano de 1972, o som dos atabaques era apresentado como sendo a voz do diabo! *A partir daquele ano, iniciou-se um processo de recuperação dos*

*elementos africanos na liturgia da Igreja Presbiteriana da Nigéria. Hoje podemos dizer que avançamos bastante. O próprio presbitério é quase todo Nigeriano!*

- 2) Segundo Lazare Baukuru-Nazi, da Igreja Metodista Unida de Burundi, África, em 1976, os negros da Igreja começaram a questionar as atitudes de massacre à cultura autóctone. Em 1982, o questionamento atingiu o seu auge, e hoje *os negros da Igreja Metodista de Burundi são um exemplo de como ser cristão sem deixar de ser negro!*
- 3) Segundo Louise Tappa, Pastora Negra da Igreja de Camarão, África, o primeiro pastor expulso de sua Igreja foi um branco, porque não aceitava que só a cultura branca tivesse vez na Igreja Batista. Ele adotava o estilo da música dos pescadores de Camarão nos cultos. O processo continua de maneira lenta até hoje. A Igreja Católica de Camarões está mais à frente. *Eles cantam e dançam segundo o costume Africano. No entanto, cometem outro erro: o vinho que usam nas missas tem de vir da Itália! Não usam o vinho local.*

Esses testemunhos revelam que o processo é irreversível. É só questão de tempo. A própria Igreja Católica mantém, de maneira optativa, em alguns países da África, em paralelo com o rito Romano, o rito próprio da cultura daquele povo. É o caso do Zaire e de Moçambique.

### O processo de inculturação no Brasil e seus conflitos

Elencamos aqui alguns pontos que, acreditamos, irão contribuir com a reflexão que se processa em nosso meio:

- a) Este Rito irá atender os 97% de leigos negros, os 85% dos padres negros e os 72% dos bispos negros que, por terem uma formação conservadora, têm dificuldades de aceitar aquilo que não emana do centro do poder da Igreja. Sendo futuramente aprovado o rito católico Afro-Brasileiro, estes nossos irmãos poderão ter a coragem de dar alguns passos em direção à cultura de seu povo negro.

- b) Com certeza, os 3% de católicos negros leigos, os 15% padres negros e os 28% de bispos negros que já vivem num processo de assumir a cultura negra, *não precisam de um rito Afro oficializado. Pelo contrário: este rito possivelmente estará aquém do que já se faz em nossos encontros específicos.*
- c) Assumir a negritude é um processo. Há bloqueios em muitos padres, bispos e leigos negros, causados pelo fato de que a Igreja estava em silêncio ou alguns bispos se posicionavam contra um rito Afro. A Igreja, nesta nova fase, se posicionando e tendo uma abertura (mesmo limitada) sobre a questão, já contribuirá com o desbloqueio e também comprometerá um pouco mais toda a Igreja com a desafiante caminhada do povo negro.
- d) Estamos numa fase de busca, de questionamentos, de debates. É preciso garantir a todos o direito de opinar sobre este polêmico assunto. Alguns querem cercear o debate. Será que estes já tem na cabeça um projeto litúrgico para o negro e querem impor sem debates? *Alguns pensam só a partir da minoria (3%) em processo de conscientização, esquecendo-se da grande maioria negra católica (97%) que não foi ainda agraciada com a conscientização.*
- e) A abertura do Vaticano no sentido de admitir que se estude uma proposta de um futuro rito Afro está trazendo mais uma vez (depois do centenário) à grande imprensa o tema do negro, para o debate de todos os setores interessados.
- f) Alguns setores de católicos negros são contra a criação de um rito Afro-Brasileiro específico. Defendem a ideia de se introduzir, em caráter oficial, valores da cultura negra no ritual romano comum para todo o Brasil. Com esta atitude, estaremos correndo o perigo de repetir contra os italianos, alemães, japoneses etc., os erros que cometeram contra nós, durante cem anos: *impingiram-nos um ritual europeu.* Acreditamos que estaremos regredindo se exigirmos que italianos, japoneses etc., coloquem, por exemplo, *atabaques* em suas missas.

- g) Os católicos japoneses que participam da Pastoral *Nipo-Brasileira* celebram missa em japonês e introduzem valores da cultura japonesa em suas missas. O mesmo fazem os alemães, os ucranianos etc. A atitude destes outros grupos étnicos trouxe, entre outras coisas, *a legitimação e o fortalecimento destes grupos étnicos.* Um dos grupos étnicos *menos fortalecidos e legitimados* é justamente o grupo negro, *cujos descendentes ainda não haviam procurado dar este passo.*
- h) A polêmica que surgiu dentro da hierarquia católica por causa do possível rito está diretamente ligada à *histórica repressão e opressão* sofrida por todo o povo negro e suas manifestações culturais, religiosas e políticas. *O povo negro só obteve plena cidadania dentro da Igreja Católica há aproximadamente 30 anos.*<sup>1</sup>
- i) Alguns intelectuais ligados ao candomblé estão com medo de que *um rito Afro aprovado por Roma venha esvaziar as comunidades de terreiro.* No entanto, o que está acontecendo é o contrário: *nestes últimos 5 anos, podemos apresentar mais de 10 leigos, religiosos e até padres que passaram a frequentar o candomblé. Desafio os intelectuais do candomblé a apresentar uma só pessoa que era de candomblé e o abandonou para ser só católica, devido à nova liturgia e reflexão dos negros católicos!*
- j) Um rito católico Afro-Brasileiro não quer assimilar aleatoriamente os valores religiosos do candomblé ou da umbanda. Estamos em busca dos valores culturais comuns a todo povo negro. É comum que neste processo de busca aconteçam fatos ou se usem elementos que, durante a caminhada, mostrem que não são adequados à fé católica. Por outro lado, a umbanda e o candomblé têm se apropriado de elementos católicos: imagem de N. Sra. Aparecida, São Jerônimo etc., como também têm seguido rigidamente o tempo litúrgico da quaresma etc. No entanto, acreditamos que o debate não pode tomar esse rumo.
- k) Não podemos esquecer que *os valores culturais do povo negro formam um patrimônio universal*, assim como também são um patrimônio universal os valores culturais dos

1. Hoje, 2014, pode-se dizer: “há aproximadamente 50 anos”.

japoneses, dos americanos, dos chineses etc. Esses valores existem para enriquecer a vida de todos os que quiserem abraçá-los.

- 1) Alguns negros católicos temem que, sendo aprovado um rito Afro-Brasileiro, a Igreja Católica exerça grande controle sobre a maneira de celebrar já comum a todos nós. É fundamental fazermos a seguinte distinção: *uma coisa é introduzir valores culturais negros nas celebrações eucarísticas (missa). Sem dúvida, este processo tem de se dar em plena harmonia com a hierarquia da Igreja. Outra coisa é fazermos celebrações Afro fora da missa. Para estas não há normas, a não ser o bom senso do grupo que celebre. A aprovação da missa com um rito Afro em nada irá dificultar a criatividade nas celebrações que fazemos sem missa. As duas expressões poderão e deverão coexistir naturalmente.*
- 2) Historicamente a Igreja Católica, ao entrar em contato com novas culturas, tem tido duas atitudes:
  - Se a cultura for “fraca”, *ela impõe a sua cultura, destruindo*, nos novos membros, os valores culturais que possuíam.
  - Se a nova cultura for “forte”, *esta impõe à Igreja, junto com os adeptos que ela conquistou*, valores da cultura destes adeptos.

Ex.: a cultura grega, romana etc., coexistem até hoje dentro da Igreja Católica com os valores *da cultura cristã inicial que foi a cultura judaica.*

### Conclusão

Busca, paciência, abertura ao diálogo, sensibilidade. Estas são algumas das qualidades que devemos cultivar neste atual período em torno do assunto rito católico Afro-Brasileiro. O documento 40 da CNBB, no número 236, expressa esta sensibilidade a que nos referimos:

N. 236 – “Fenômeno similar, em forma agravada, repetiu-se com a população negra, trazida à força da África pelos escravistas. Sua evangelização inicial consistia no gesto do

batismo sem suficiente evangelização e sem devida integração dos elementos de suas próprias culturas na nova situação de batizados. Em grande parte das religiões dos negros, cultivadas às escondidas, os ajudam a conservar muitos elementos culturais que foram gradativamente se entrelaçando com expressões culturais e religiosas da população branca, indígena, mestiça, influenciando a cultura e a religiosidade popular”.

É impossível querer que no Brasil, após 400 anos, as culturas estejam intactas! As culturas se entrelaçam em vários setores da sociedade. Um dos poucos setores da sociedade que conseguiram manter a “ferro e fogo” um bloqueio às culturas negras e indígenas foram as Igrejas cristãs e, mais especificamente, a Igreja Católica. Depois de muito esforço este bloqueio começa a cair. E qual é a sua posição? Ajudar na queda do bloqueio ou reforçar o bloqueio contra a penetração da cultura negra dentro da Igreja Católica?

FR. DAVID RAIMUNDO SANTOS, OFM\*

Fonte: *Convergência*, jul./ago. 1995, p. 418 a 421.

\* Em 1995, ao escrever o texto, o frei franciscano David Edmundo Santos estava liberado para o trabalho junto à Comunidade Negra; era membro da Secretaria Executiva Latino-Americana da Pastoral Afro e do GRENI Nacional.

## Começou o processo para a beatificação de Dom Luciano

O ex-arcebispo de Mariana, Dom Luciano Mendes de Almeida, homem que trabalhou pelos pobres e na defesa dos direitos humanos, começou ser reconhecido como beato em 27 de agosto de 2014. O processo de beatificação antecede ao de canonização, ou se tornar santo. A arquidiocese instalou o tribunal eclesiástico durante missa solene na Catedral da Sé, em Mariana, lembrando a data em que ele morreu, em decorrência de falência múltipla dos órgãos. em 2006. “Ainda estamos na fase de preparação para a abertura do processo na diocese”, antecipou monsenhor Roberto Natali, vigário judicial, anunciado como advogado da causa de Dom Luciano.

Para que Dom Luciano Mendes de Almeida seja beatificado, será necessário comprovar, por meio de documentos e de depoimentos, que o religioso levou vida virtuosa, ou seja, colocou em prática as virtudes cristãs – fé, esperança, amor, prudência, fortaleza, temperança, pobreza, humildade, obediência e castidade. “Se não todas, pelo menos as três principais virtudes: amor a Deus e às pessoas, fé e esperança. Essa primeira fase do processo ocorre na diocese de Mariana, onde Dom Luciano atuou por 18 anos. A segunda fase, que é decisiva, será em Roma”, disse o postulador. Desde já, Dom Luciano se torna servo de Deus.

Não há prazo determinado para a conclusão da primeira fase do processo. “É um volume grande de informações que nossa comissão histórica irá coletar e anexar. Dom Luciano Mendes escreveu e publicou muito. Só na *Folha de S. Paulo* foram mais de mil artigos, além de mais de 30 conferências

para ser digitalizadas, e palestras em retiros no Brasil e em Roma, onde trabalhou por muito tempo na Companhia de Jesus, dos 17 aos 45 anos de idade”, revelou monsenhor Natali. Nascido no Rio de Janeiro, Luciano Pedro Mendes de Almeida tornou-se jesuíta ainda jovem e se destacou no trabalho com detentos nas cadeias em Roma.

### *Milagres*

Se a documentação passar pela aprovação de Roma, com um decreto do Papa Francisco, Dom Luciano passa a ser venerável. Com esse título, se ficar comprovado um milagre alcançado pela intercessão dele, o religioso é reconhecido como beato. Em seguida, a comprovação de um segundo milagre levaria ao título de santo. “Não acredito que pelo fato ser jesuíta, como o Papa Francisco, possa agilizar o processo de beatificação de Dom Luciano, que, graças a Deus, está começando agora. Já é um grande passo colocar a vida de Dom Luciano em foco”, afirmou.

Segundo monsenhor Natali, o maior desafio será reunir os casos das pessoas mais humildes, mendigos e doentes, de quem Dom Luciano costumava cuidar pessoalmente nos hospitais. “Depois de um dia inteiro de trabalho nos afazeres como bispo, ele saía em silêncio e ia a pé socorrer drogados e doentes nos hospitais. São registros que só podem ser encontrados no livro da vida, direto com Deus”, disse o vigário judicial.

### *Memória – O jesuíta*

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu de família nobre em 5 de outubro de 1930, Dom Luciano era jesuíta e foi bispo auxiliar do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, em São Paulo, antes de ser nomeado arcebispo de Mariana, em 1988. Foi secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) durante oito anos e, em seguida, presidente da entidade por outros oito anos. Morreu de câncer no Hospital das Clínicas, em São Paulo, em 27 de

agosto de 2006. Tem fama de santo, como comprovam as centenas de visitas ao seu túmulo, onde as pessoas depositam flores, fotografias e bilhetes com agradecimentos e pedidos de intercessão.

Fonte: <http://anec.org.br/blog/2014/08/27/processo-para-beatificacao-de-dom-luciano-comeca-na-quarta-feira/>

## O encanto e o desencanto na Vida Religiosa Consagrada

A cada final de ano, costumo viajar do Sul ao Norte do país e, por onde passo, ouço pessoas comentando sobre a saída da Vida Religiosa Consagrada de padres ou religiosos/as conhecidos/as. Do ponto de vista teológico, é sabido que **VOCAÇÃO**, de acordo com Oliveira (1999), pode ser entendida como chamado que Deus faz em particular a toda pessoa. Assim sendo, todos somos chamados por Deus a fazer algo ou alguma coisa em favor de uma comunidade ou realizar alguma missão. Para continuar respondendo a esse chamado (vocação), é preciso um exercício contínuo e realizar boas escolhas na vida: relacionar-se bem com as pessoas, escolher bem um curso, um bom filme, um bom teatro, um bom livro, um ambiente agradável de se estar, uma boa música, uma boa companhia. São estes e tantos outros elementos que nos ajudam a crescer e a sermos mais sensíveis às pequenas coisas. Estes elementos nos identificam com pessoas íntegras, capazes de compreender melhor o outro, de nos doarmos ao próximo, seja no matrimônio, seja na vida sacerdotal, seja na Vida Religiosa Consagrada, e servindo aos mais vulneráveis e oprimidos da sociedade.

Muitas vezes, o que se percebe na Vida Religiosa Consagrada (VRC) é que as escolhas feitas por alguns religiosos e algumas religiosas não são coerentes e por conta disso acabam não correspondendo à opção escolhida ao relacionar-se com o/a outro/a no cotidiano. Isso, como consequência, leva a um desencanto, à frustração, ao desânimo e, por fim, à perda do sentido dado inicialmente à opção vocacional.

Cabe ressaltar, ainda, que a tomada de decisão dos/as religiosos/as não ocorre de imediato, por si só. É necessário passar por um processo avaliativo e de discernimento pessoal. Assim, na VRC, o que se entende como crise pode ser apenas a vivência de um momento pessoal do indivíduo, uma ocasião de reflexão profunda sobre a vida, um pedido de socorro ou um pedido de ajuda para aliviar suas tensões internas e externas, antes da tomada de decisão provocada por esta, que costumamos chamar de crise vocacional.

Ultimamente, temos notado, ainda, mudanças provocadas pelos avanços sociais, tecnológicos e científicos, que acarretam modificações, principalmente nas relações interpessoais. Podemos citar, especialmente, a “convivência virtual” cotidiana por meio das redes sociais. É perceptível que o contato frequente com pessoas distantes é mais importante do que o contato com as pessoas que “dividem o mesmo teto”; o mundo informatizado nos impede um contato maior com essas pessoas (religiosas), um diálogo face a face. A facilidade que temos hoje para conversar com pessoas de outros países e estados contribui muito para o distanciamento e o contato direto com quem mora conosco, pois ficamos presos ao nosso mundinho virtual. Por outro lado, também nos “distanciamos” daqueles com quem mantemos contato pelas redes sociais ao invés de cortarmos a distância. Recordo que, em anos anteriores, trens e ônibus eram os meios que nos ajudavam a enfrentar a distância; hoje, para ver um amigo e os parentes basta acessarmos os meios virtuais (WhatsApp, Facebook, Skype, e-mails) e já os vemos e esfriamos nossos contatos. A saudade já não aperta tanto em nossos corações como antes.

Para nos ajudar a superar essa crise na VRC, temos que tentar compreender o contexto atual no mundo em que vivemos, nos policiar um pouco mais e fortalecer os laços de amizade e confiança entre nós, religiosos/as, de forma que sejam pontes que nos levem ao diálogo com os/as coirmãos/ãs. É preciso ir ao encontro daqueles/as (formadores/as espirituais) que nos mostram o diferencial do ser religioso/a na sociedade e que nos indiquem que o jeito de viver em

comunidade é sendo fraterno/a e solidário/a. Não precisamos de pessoas que nos levem a tomar uma decisão negativa, mas de pessoas capazes de se deixarem invadir pela caridade, que acolhem, compreendem e orientam. Recordo aqui a história de um cão que perseguia a lebre:

[...] certa vez um cão estava com muita fome, quando viu uma lebre bem gorda e suculenta, passando em sua frente; o cão não podia acreditar! “Meu Deus! Que lebre enorme! É a grande chance que tenho!” Então o cão começou a correr velozmente atrás da lebre e, conforme ele corria, fazia barulho na perseguição e isso atraía mais cães, que se juntaram a ele e começaram a correr juntos... e esses cães faziam tanto barulho que atraía mais e mais cães! Quando se viu, já eram centenas de cães correndo... Com o passar dos dias, a última fileira de cães lá atrás se perguntou: por que estamos correndo mesmo?! E pararam de correr... Passaram-se mais alguns dias e a penúltima fileira de cães também se perguntou: por que estamos correndo? E assim, mais e mais cães foram parando de correr, até que só restou um único cão correndo! Quem adivinha qual era ele? Quem pensou o primeiro que começou a correr, está certo! Ele foi o único que viu a lebre de verdade, os outros só corriam por causa do barulho de outros cães. Mas o primeiro não! Ele sabia exatamente o porquê de estar correndo (CEI – ITAICI, 1991).

Nós precisamos de pessoas dispostas, corajosas, que nos mostrem o caminho e nos ensinem a seguir a lebre sem desistir, mesmo sem tê-la visto. O encanto, muitas vezes, não é algo que surge de nós mesmos, mas de uma segunda pessoa que vive e consegue transformar as pequenas coisas no belo e nos fazer transformar as pequenas coisas em grandiosas e harmoniosas para alimentar o ser internamente.

É meu desejo que este texto nos ajude a refletir sobre o nosso ser religioso/a diante da realidade vivida na sociedade, onde os direitos constitucionais, como a educação, o transporte, a saúde e a segurança, não são garantidos com eficácia a milhões de brasileiros. Esta realidade exige de nós religiosos/as uma postura capaz de gerar mudanças significativas por

meio das nossas vivências e experiências ousadas do amor de Deus, capaz de alcançar a tantas pessoas que acreditam e sonham com um mundo melhor. Se isso acontece é sinal de que somos capazes de despertar no outro a vocação à Vida Religiosa Consagrada, apresentando um modelo de ser, uma pessoa que é capaz de amar, cuidar, compreender, escutar e se solidarizar. Qual é o jovem que não se espelha em pessoas com boas atitudes e que lhe transmitem uma paz envolvente? A vida se torna mais bela quando nos deixamos surpreender pelas pessoas que nos encantam a cada momento de nossas vidas. Ao contrário disso, a vida se torna um desencanto quando acreditamos que não vale lutar por algo de bom que nos preenche como ser religioso. Espero que possamos optar pelas coisas maravilhosas e por aquelas que nos possibilitam dar sentido à vida, tornando-nos modelos vivos dentro da Instituição e capazes de transformar o/a outro/a.

O encanto pela Vida Religiosa Consagrada está nas coisas boas que escolhemos e fazemos, e o desencanto, muitas vezes, está nas coisas às quais deixamos de aderir, que nos deixam sem ânimo para agir conforme a vontade de Deus.

É hora de pensarmos sobre as escolhas que fazemos para sermos bons/boas religiosos/as e a respeito do modelo de vida que queremos apresentar à sociedade como religiosos/as consagrados/as na atualidade.

IR.VICENTE DE PAULA FIALHO DA SILVA\*

### Referência bibliográfica

- CEI, Itaici. *Rabi, onde moras?* Roteiro para uma experiência de oração e vida ao longo do Noviciado. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1991. p. 206.
- OLIVEIRA, L. M. *Temas fundamentais: teologia da vocação*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

\* Ir. Vicente de Paula Fialho da Silva, desde 2009, pertence ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (como Irmão Lassalista). Graduado em Serviço Social pela Universidade Católica de Brasília – UCB, hoje é Vice-Diretor do Centro de Educação e Promoção La Salle (CEPLASB) de Botucatu-SP.

## Alegria itinerante de discípulos/as missionários/as

Atitudes da Vida Religiosa “em saída”

IRMÃO AFONSO MURAD, MARISTA\*

“Levanta-te e come, levanta-te e come!  
Que o caminho é longo, o caminho é longo.”

Deus nos surpreende! Por vezes, estamos desanimados, cansados de lutar, e quando menos esperamos, recebemos palavras estimuladoras e gestos de alento. Então, sentimo-nos revigorados, como o profeta Elias. Alimentamo-nos, descansamos e partimos para a missão, renovados, percorrendo o caminho fascinante e sinuoso, ao encontro de Deus (1Re 19,4-8).

### Estimulante surpresa

Homens e mulheres, que há anos se empenhavam para que o Evangelho se encarnasse no ritmo da existência dos povos, que a Igreja fosse mais servidora e flexível, encontraram na Exortação Apostólica “Alegria do Evangelho” (*Evangelii Gaudium*) um porto seguro e feliz, no qual ancoraram, se reconheceram e ganharam forças.

O documento recolhe as contribuições do Sínodo dos Bispos de 2012 sobre a Nova Evangelização e dá orientações concretas para a Ação Evangelizadora. Papa Francisco não tem a pretensão de proferir uma palavra definitiva ou completa (EG 16), mas sim deseja iluminar e abrir caminhos para a Igreja nos próximos anos (EG 1). Ele acredita na descentralização do poder na Igreja e na participação ativa de bispos, padres, religiosos, leigos e leigas (EG 16). “Alegria do Evangelho”, fruto de elaboração coletiva com o claro

\* Ir. Afonso Murad é marista. Professor de teologia, ambientalista e escritor. **E-mail:** amurad@marista.edu.br. **Blog:** afonsomurad.blogspot.com.

posicionamento de Francisco, visa estimular processos de reflexão, discussão e novas práticas, que competem aos cristãos e às suas comunidades, em diferentes níveis. Propõe algumas diretrizes para encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora (EG 17), cheia de ardor e dinamismo, com base na *Lumen Gentium* do Vaticano II. Eis o forte apelo:

Sejam ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das suas comunidades. Uma identificação dos fins, sem a busca comunitária dos meios para alcançá-los está condenada à mera fantasia. Apliquem, com generosidade e coragem, as orientações deste documento, sem impedimentos nem receios (EV 33).

O discurso de Francisco é coerente com sua postura de Igreja-comunidade. Ele renuncia a tratar detalhadamente de várias questões que devem ser objeto de estudo e aprofundamento, principalmente nas Igrejas locais (EG 16). No correr da *Evangelii Gaudium*, valoriza e incorpora a contribuição das Conferências Episcopais de várias regiões do mundo. Nas últimas décadas, documentos papais citavam preferentemente outros Papas ou o próprio pontífice. Tal procedimento era acompanhado por certa pressão sobre as Conferências Episcopais e regionais que deveriam, cada vez mais, citar e reproduzir as palavras do Papa e seguir as orientações da cúria romana. Com isso se retirava das Igrejas locais a responsabilidade de interpretar o Evangelho e encarnar a mensagem em diferentes contextos. Elas se tornavam meras repetidoras da autoridade centralizada. A mesma pressão se fez sentir sobre as Conferências de Religiosos/as em várias partes do mundo.

Em nosso continente, nas décadas de 1980 e 1990, a CLAR foi acusada, injustamente, de criar um “magistério paralelo”, porque rejeitava a infantilizadora determinação de ser mera repetidora do pensamento romano. Dizia-se que a VRC feria a comunhão. Ora, desde quando fornecer critérios de interpretação e sugerir processos comunitários

para interpretar a Palavra de Deus fere a comunhão eclesial? Aqueles e aquelas que sofreram dura perseguição nos anos passados, porque levaram a sério a tarefa de renovar a Igreja no espírito do Concílio, encontram nas palavras do Papa Francisco consolo e força: “Valeu a pena lutar. Finalmente somos reconhecidos!”.

A exortação de Francisco traz ar fresco e revigorante a toda a Igreja: leigos/as, presbíteros, consagrados/as, suas comunidades e Institutos. Como os fatos e as palavras rapidamente escapam do nosso horizonte, é preciso voltar aos seus temas essenciais, para que os apelos do Espírito ressoem e encontrem eco nas pessoas, nas comunidades e nas instituições. A teoria da comunicação tem ressaltado que o ciclo comunicativo somente se realiza quando há recepção e expressão dos interlocutores. Não basta que a mensagem seja transmitida. Ela deve ser acolhida, interpretada, vivida, reelaborada e comunicada.

Este artigo colabora no movimento de recepção da mensagem do Papa Francisco para a Vida Religiosa, em “A alegria do Evangelho”. Ele se soma a outros já escritos ou por escrever. Seleciona alguns textos que parecem mais significativos ao autor, que, a partir daí, tece algumas reflexões e provocações. Concentra-se na introdução geral e na primeira parte da Exortação, que convoca a todos para empreenderem um deslocamento da “Igreja em saída”. Espera-se assim oferecer um material de reflexão e discussão para as pessoas e as comunidades, especialmente por ocasião do “Ano da Vida Consagrada”, proposta também pelo Papa Francisco. Desenvolver-se-ão aqui dois pontos: alegria e leveza e atitudes básicas dos/as discípulos/as missionários/as na Igreja “em saída”.

Antes de mais nada, Francisco lembra a todos os cristãos (e também aos/as religiosos/as, claro) que nossa vida e missão se radica em Jesus. O processo de renovação da Igreja é uma volta a Jesus, ao mesmo tempo voltando-se para o mundo. Eis o tesouro, o segredo simples e belo, expresso de forma breve no início da *Gaudium et Spes*: as alegrias e tristezas, esperanças e dúvidas da humanidade ressoam no

coração dos discípulos de Cristo (GS 1). Ou de forma breve no lema do I Congresso Internacional da Vida Consagrada, em 2004: “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”. Cada vez que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual (EG 11).

### *Alegria e leveza*

Certa vez, em Encontro de Novas Gerações, Luiza, jovem juniorista, desabafou:

Pra mim, a coisa mais difícil na Vida Religiosa é a tristeza. Na minha comunidade, não temos espaço para rir, dar gargalhadas, falar alto. Tudo é muito sério. Funciona como uma máquina. Sair do horário, nem pensar. Eu chego da Faculdade quase meia-noite, e já estou na oração às 5h30 da manhã, para recitar fórmulas. Não sei até quando vou aguentar.

Quem conhece um pouco as congregações religiosas sabe que a afirmação dessa jovem consagrada não é exagerada. Faz alguns anos, na Assembleia Geral da CRB (Conferência dos Religiosos/as do Brasil), o tema da *leveza* se destacou, a ponto de constituir uma das linhas de ação de Vida Religiosa Consagrada no triênio. Constatou-se que a rigidez marcava as relações interpessoais e a postura de vida de pessoas, em comunidades e Institutos. O tema da leveza suscitou interesse, despertou para a reflexão, a partilha e o desenvolvimento de novas atitudes.

Para qualquer pessoa madura, a vida adulta inclui cargas e pesos, dificuldades, responsabilidades e compromissos. Portanto, leveza não é sinônimo de visão ingênua e adolescente, que nega este componente inevitável da vida. De outro lado, todo ser humano equilibrado e feliz tem o seu lado de leveza: gratuidade, fruição, flexibilidade, contentamento. Tanto em nível pessoal quanto comunitário e institucional,

a Vida Religiosa Consagrada talvez tenha cultivado demais “um lado da balança”. O resultado é visível: pessoas pesadas e pessimistas. Instituições aferradas no passado, com medo de avançar e sair de sua “zona de conforto”.

Abordar o tema da leveza na Vida Religiosa Consagrada é importante para ajudar a perceber aquilo que nos engessa. E responder com alegria, disponibilidade e agilidade aos apelos de Deus nos dias de hoje! A exortação do Papa Francisco atualiza o tema da “Leveza e agilidade”, que, para ele, se expressam principalmente como “alegria, conversão pastoral e saída”.

Francisco aponta também outra causa da tristeza, que já não é a do excesso de trabalho e de certa rigidez, que caracterizavam as gerações antigas. Desta vez, provém da tendência egocêntrica e individualista da cultura moderna.

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem (EG 2).

A alegria não se traduz necessariamente em rir sempre e gozar de um constante estado de espírito marcado pela euforia. Nos momentos duros, difíceis, todo ser humano tem o direito de se entristecer. Diante de perdas extremas, com a morte, é necessário o tempo de luto. Mas isso é diferente daquele(a) que vive em constante tristeza, “em estado de quaresma sem páscoa”, como diz Francisco.

A alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados. Compreendo as pessoas

que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades que têm de suportar, mas aos poucos é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias (EG 6).

Cada um/a de nós é chamado/a a cultivar esta atitude de alegria e leveza, que nos fazem felizes, “de bem com a vida”. E assim transparecemos a alegria de Deus, que nos ama incondicionalmente. O cultivo da leveza, da alegria e da itinerância nos liberta para a ousadia do Reino. Existem estreitos laços entre espiritualidade, alegria e missão.

Do ponto de vista teológico e pastoral, Francisco nos fornece duas importantes chaves de leitura: “A alegria do Evangelho é missionária” e “A intimidade com Jesus itinerante”. Com isso, supera-se uma visão intimista e meramente subjetiva da fé e da experiência religiosa. Nos evangelhos se relata que os 72 discípulos voltam da missão que o Senhor lhes confiou, cheios de alegria (cf. Lc 10,17). O próprio Jesus exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. Lc 10,21). Também acontece assim com os primeiros que se convertem no Pentecostes, ao ouvir “cada um na sua própria língua” (At 2,6) a pregação dos Apóstolos. Esta alegria é sinal de que o Evangelho foi anunciado e está frutificando (EG 21).

A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão é missionária. Fiel ao Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém (EG 23).

Talvez um dos grandes entraves na Vida Religiosa Consagrada consista em não colocar em prática, já na formação inicial, estes dois princípios, da alegria missionária e da intimidade (com Jesus) itinerante. É certo que nessa etapa se faz necessário cultivar o autoconhecimento, o acompanhamento pessoal, o espírito de família, a internalização das

atitudes, os compromissos comunitários, a limpeza e conservação da casa, a espiritualidade, os momentos de oração e o estudo. Mas é notório que padecemos de um desequilíbrio. Especialmente nos institutos masculinos. Certa vez, num curso para formadores, perguntou-se como se organizava a típica semana dos postulantes. Frei Carlos respondeu:

Durante a semana, de manhã eles estudam filosofia na Faculdade. De tarde, limpam a casa e fazem esporte. Algumas vezes na semana, temos aulas de formação sobre a doutrina cristã, o fundador e a congregação. De noite, é tempo pessoal. E no final de semana, nos sábados à tarde e no domingo de manhã, um pouco de pastoral. Afinal, temos que evitar os exageros!

A ilusão das equipes de Formação (e dos/as provinciais) consiste em crer que se forma para a missão deixando os jovens praticamente todo o tempo em casa, com atividades internas. Ora, reflexões pedagógicas atuais sustentam que aprendizagens significativas se constituem a partir de experiências, vividas intensamente, refletidas e explicitadas. A teoria serve para explicar, organizar, compreender, relacionar, conceituar, aperfeiçoar. Já na formação inicial os jovens (e seus/suas formadores/as) necessitam experimentar a alegria missionária e a intimidade itinerante com Jesus. Caso contrário, buscarão sua alegria em outros lugares. Em vez da fonte de água viva, se refugiarão em cisternas rachadas que não retém a água! (Jr 2,13; Jo 7,37-38)

### *Atitudes básicas de discípulos/as missionários/as*

A 5a Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho, em Aparecida, gestou um iluminador documento final. Junto com os bispos estiveram presentes representantes da Vida Religiosa Consagrada, de movimentos e pastorais, de leigos e de presbíteros. Embora num momento pouco propício a mudanças, o documento de Aparecida significou um avanço para a prática pastoral da Igreja. A

expressão “discípulos e missionários” foi assumida em perspectiva dinâmica e interdependente (DAp 10, 11, 14, 23, 31). Cada seguidor(a) de Jesus, como também a comunidade eclesial, vive em permanente movimento de aprender (com o mestre, com os outros e com a realidade), de testemunhar e de ensinar.

Esta bandeira do discipulado e da missão já estava presente, desde os inícios, nas práticas da chamada “Igreja dos pobres”, da Teologia da Libertação e na Vida Religiosa Consagrada, sobretudo com as comunidades inseridas. Inspirada no Evangelho e se apoiando na pedagogia libertadora de Paulo Freire, construiu-se no continente uma metodologia evangelizadora que busca estabelecer relações fraternas e sororas. Uma Igreja-comunidade, a serviço da Boa-Nova e da mudança da sociedade. Papa Francisco, que na ocasião da Conferência de Aparecida presidia a comissão de redação, universalizou a expressão “discípulos missionários” na sua Exortação Apostólica (EG 120, 173). Tornou-a um patrimônio de toda a Igreja.

A Igreja em saída é a comunidade de discípulos-missionários que apresenta cinco atitudes básicas: Tomar a iniciativa (aprimeirar-se, ir à frente), Envolver-se, Acompanhar, Frutificar e Festejar (EG 24). Vejamos o que caracteriza cada uma destas atitudes e o que elas têm a dizer especialmente para os/as Religiosos/as.

### *Ir à frente (aprimeirar-se)*

A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (1Jo 4,10). Por isso, ela vai à frente, vem ao encontro, procura os afastados e chega às encruzilhadas dos caminhos para convidar os que estão à margem (EG 24).

Basta percorrer a história dos 17 séculos da Vida Religiosa Consagrada para perceber que esta postura de sair na frente, romper fronteira, abrir caminhos, faz parte de sua história. Monges evangelizaram povos considerados “bárbaros”. Consagrados iniciaram processos de evangelização na Ásia,

na África, nas Américas e na Oceania. Foram pioneiros na missão “Ad Gentes”. Promoveram iniciativas inovadoras de diálogo com a cultura letrada e popular. Abriam escolas e instituições de Ensino Superior. Criaram espaços e instituições para acolher órfãos, jovens em situação de risco e idosos abandonados. Aprimeiram-se na evangelização dos povos indígenas. Promoveram o diálogo intercultural em vista da evangelização. Atuaram junto à população migrante. Abriam hospitais. Acolheram mulheres em situação de prostituição. Assumiram a evangelização na mídia escrita e no rádio.

Tudo isso faz parte do “passado glorioso” da Vida Religiosa Consagrada. Não somente. Nos últimos 50 anos, as comunidades religiosas também saíram na frente em várias iniciativas pastorais e sociais. Foram para as periferias. Formaram lideranças leigas nas CEBs, nas pastorais sociais, na catequese e na Pastoral de Juventude. Investiram no protagonismo dos leigos e dos pobres. Promoveram iniciativas intercongregacionais, como os Institutos de Pastoral de Juventude. Participaram no movimento popular em defesa da terra, na roça e na cidade. Difundiram as causas étnicas, sociais e ambientais. Promoveram a educação libertadora em suas escolas, enfrentando duras resistências. Ajudaram na renovação da Igreja, atuando na animação paroquial e como agentes e coordenadores(as) de pastoral em vários âmbitos.

Nos últimos anos, parece que este vigor de “ir à frente” se arrefeceu, devido a várias causas, internas e externas. O envelhecimento e a falta de novas vocações provocou um movimento de “voltar-se para dentro”. Fecharam-se as iniciativas mais ousadas nas periferias, e concentrou-se o pessoal na gestão das obras tradicionais (escolas, hospitais, paróquias), além da animação e governo da própria instituição. Congregações de Irmãos e Irmãs que trabalhavam na pastoral de comunidades populares, paróquias e dioceses tiveram seu espaço de atuação drasticamente reduzido, com o crescimento do clericalismo, concentração do poder na mão do padre, movimentos de leigos, grupos pentecostais

católicos e novas comunidades. Um grupo significativo de “meia idade” assumiu o poder nas congregações, trazendo consigo alguns traços da modernidade burguesa: vida cômoda, padrão de vida elevado, consumo, visibilidade midiática... O resultado é desconcertante. Enquanto as novas comunidades *saem na frente*, apesar de opção eclesiológica questionável e outros tantos problemas, vários Institutos religiosos *voltam para trás*, em busca de segurança.

De outro lado, algumas minorias na Vida Religiosa Consagrada continuaram a “aprimorar-se” no serviço evangelizador, na promoção social e na libertação dos pobres. Por vezes, sem receber sequer o apoio e o reconhecimento de seus coirmãos e coirmãs. Podemos citar, entre outros: a pastoral com drogados e tóxico-dependentes, as redes contra o tráfico humano, os grupos de apoio aos migrantes, as iniciativas com jovens em situação de vulnerabilidade social, a missão *ad gentes* em regiões pobres e abandonadas, no país e no exterior, os diversos empreendimentos de voluntariado, a implantação e implementação de projetos socioambientais. Tais atitudes e práticas, de grande generosidade e ousadia, necessitam ser acolhidas, reconhecidas e promovidas pelos institutos. Isso se faz envolvendo cada vez as novas gerações de consagrados/as e os leigos e leigas que compartilham nossa espiritualidade e missão. Talvez seja este o grande apelo de Deus no momento, que Francisco acolheu e proclamou com tanto vigor. A “Igreja em saída” só se realiza quando pessoas, comunidades e instituições rompem o estabelecido, arriscam, se lançam.

### ***Envolver-se***

Com obras e gestos, os evangelizadores entram na vida diária dos outros, encurtam as distâncias, abaixam-se e assumem a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz (EG 24).

Durante vários séculos, até o Concílio Vaticano II, a Vida Religiosa Consagrada foi compreendida principalmente

como um “estado de perfeição”. O ideal da santidade estava delineado com um claro distanciamento em relação ao mundo, entendido em sentido negativo, quase como sinônimo de “mundano”. Neste caso, o/a religioso/a devia se envolver o mínimo possível com as pessoas, especialmente com as de outro sexo. É certo que toda opção de vida implica renunciar a certos tipos de convivência e resguardar-se para não se desviar. Mas o pêndulo deslocou-se demais para o lado do isolamento. Ele trouxe consigo a autossuficiência, um orgulho disfarçado, o sentimento de que éramos melhores e mais perfeitos do que os/as leigos/as. O mesmo se deu no ministério ordenado. Apesar dessa separação, muitos/as consagrados(as) se notabilizaram pela proximidade junto aos fragilizados de todo tipo, como órfãos, leprosos, miseráveis, doentes, deficientes mentais, anciãos abandonados. Eles e elas “tocaram a carne sofredora de Cristo no povo”. Contraíram o cheiro da ovelhas.

A grande virada da “Igreja dos pobres” na América Latina consistiu na descoberta de que os empobrecidos eram pessoas com sabedoria, capazes de serem protagonistas de um processo de libertação comunitário e estrutural. A presença de religiosas/as junto dos pobres, a começar pelo deslocamento do local de moradia, enriqueceu enormemente a espiritualidade e trouxe perguntas novas. Aprender do povo, estar ao lado dele, ser um sinal de esperança. A Vida Religiosa Consagrada fez-se aprendiz, discípula.

Certa vez, uma congregação de Irmãos educadores decidiu abrir uma comunidade na região do semiárido. Os religiosos não teriam escolas nem obras. O provincial buscou o Irmão João, que durante toda a vida havia atuado somente como professor em colégios e na formação inicial. Ao receber o convite, o Irmão se assustou: “O que vou fazer lá?”. Anos depois, ele testemunhou o significado da experiência junto do povo:

Eu descobri que o mundo é maior do que o muro da escola. Cada dia aprendo com o povo: sua religiosidade, a alegria, o despreendimento, os gestos de solidariedade. Aprendi a entrar

nas casas, sentar no banquinho da cozinha, tomar café, escutar as pessoas, ouvir os “causos”, dar conselhos. Eu me achava tão piedoso (risos). Mas o povo reza mais do que eu, tem uma fé mais intensa. Ah! Como é bom.

A crise atual da Vida Religiosa Consagrada e as exigências de eficácia da sociedade moderna têm “empurrado” várias congregações a destinar boa parte de seu pessoal para tarefas de gestão das obras. Se é fruto de discernimento bem realizado, tal opção se mostra legítima. Mas carrega um grave risco, que toca o coração do/a discípulo/a missionário/a. À medida que adentram em cargos executivos, especialmente em instituições ricas e famosas, os consagrados se tornam fundamentalmente gestores. E, naturalmente, em ambientes marcados pela lógica trabalhista, o/a gestor/a necessita manter certa distância formal, profissional, em relação aos seus colaboradores. Com o passar do tempo, ele/a esquece o mundo dos pobres, dos sofredores, dos últimos. Longe dos olhos, longe do coração! Ou, como se diz na Teologia da Libertação: “o lugar social condiciona o lugar hermenêutico”. Talvez o rodízio dos cargos de poder e a imersão em tempos intensos junto dos pobres possa minimizar este problema.

### **Acompanhar**

A comunidade evangelizadora acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece e suporta as longas esperas. A evangelização exige muita paciência e evita deter-se nas limitações (EG 24).

“Acompanhamento” tornou-se uma palavra usual na Vida Religiosa Consagrada. Nos planos de Pastoral Vocacional e Formação Inicial insiste-se que o acompanhamento é tarefa básica e irrenunciável. Conjugam-se, cada vez mais, elementos psicológicos e existenciais com a caminhada de fé, para acompanhar as pessoas. Pede-se que o/a provincial ou coordenador/a geral acompanhe seus irmãos e irmãs,

através de visitas, entrevistas e outros procedimentos. Ao coordenador/a da comunidade também compete esta tarefa, embora no âmbito mais operacional. Quem exerce o múnus do acompanhamento sabe bem como alguns processos de crescimento são “duros e demorados” e o que significa “conhecer e suportar as longas esperas” de que fala o Papa Francisco. Mais ainda. Para acompanhar com eficácia, por vezes não basta a versão pessoal do acompanhado. Ele/a pode, durante anos, mascarar suas atitudes e não demonstrar as reais motivações que o movem.

Há também o acompanhamento de processos pastorais, educativos e institucionais. Eles exigem, cada vez mais, competência na sua área de atuação, conhecimento teórico e prático, visão estratégica e informações necessárias para tomada de decisões. Sem falar de uma equipe de pessoas com habilidades diferentes e complementares. Acompanhamento de processos implica muitas coisas, como planejar bem, distribuir tarefas, realizar atividades, monitorar quem executa, avaliar e reprogramar.

Os dois extremos do acompanhamento deficiente residem na postura autoritária que sufoca a iniciativa do grupo de trabalho, ou na falta de controle, que deixa cada um fazer o que quer. Um/a leigo/a ou religioso/a que assume funções de gestão e liderança aprende a acompanhar, com acertos e erros. Descobre a medida adequada para monitorar, a fim de que as pessoas não se dispersem, percam o foco e/ou se limitem a repetir o que sempre fizeram. Ao acompanhar, o/a líder estimula, apoia, sugere, ensina, aprende, espera e, se for o caso, corrige.

No entanto, Papa Francisco vai mais longe na sua reflexão. Ele se refere a “uma comunidade”, que é mais do que um indivíduo. Trata-se de um grupo de pessoas reunidas a partir do chamado de Jesus, que atuam de forma conjunta, superando os modelos piramidais e fortemente hierarquizados.

Essa comunidade acompanha não somente seus membros e os processos internos, e sim a humanidade. Parece algo tão longínquo e abstrato! Mas quem se engaja em grandes causas da humanidade compreende bem o que é isso. O

horizonte de esperança e de preocupações supera as fronteiras de sua instituição e da Igreja. Como se diz no movimento ambiental, a gente atua em nível local, mas com a consciência global. A realidade não é compreendida a partir de estatísticas, de números frios. Sentimo-nos conectados com uma ciranda quase infinita de homens e mulheres que formam a corrente do Bem. Seguimos atentos. Celebramos as vitórias, sofremos com eles/as os revezes. Oramos por pessoas, grupos e organizações. Efetivamente fazemos parte de múltiplas redes que tecem esperanças e projetos humanizadores (EG 87).

### *Frutificar e festejar*

O/a missionário/a mantém-se atento/a aos frutos, porque o Senhor o/a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz devido ao joio. Encontra o modo para que a Palavra se encarne na situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de imperfeitos (EG 24).

O Evangelho valoriza os resultados, não somente as intenções. Na parábola dos diferentes tipos de solo que acolhem a palavra de Jesus, dá-se importância à terra boa, na qual a semente brota e dá fruto, em grande proporção, de cem por um (Lc 8,8). E na explicação da parábola, se diz: “o que caiu em terra boa são aqueles que, ouvindo de coração bom e generoso, guardam a palavra e dão fruto na perseverança (Lc 8,15)”. Para que os resultados apareçam, é necessário muito trabalho, paciência e perseverança. Mais. Na visão de Francisco, são “frutos de vida nova, apesar de imperfeitos”, que resultam de um processo de encarnação, de “estar com” as pessoas e os grupos, e não “sobre elas”.

Vivemos numa sociedade que valoriza os resultados e abomina a ineficácia. Por isso, as organizações estabelecem planos estratégicos, após uma acurada leitura de cenário interno e externo. Elaboram-se objetivos, metas e indicadores. Tudo isso é bom, se imbuído de um direcionamento humanizador. Os mecanismos de eficácia são uma arma poderosa, que serve a quem a tem na mão. Como qualquer realidade

humana, carrega consigo a ambiguidade. Seu limite reside na tendência de transformar os meios em fins próprios. Dito de maneira simples: busca-se o sucesso pelo sucesso, a conquista de crescente por espaços de poder porque isso incha os egos e fortalece o orgulho e autossuficiência institucional (EG 80). O imediatismo e a superficialidade levam a uma intolerância diante das contradições, do aparente fracasso, das críticas, da cruz (EG 82).

Os/as religiosos/as, suas comunidades e organizações estão aprendendo a superar o amadorismo, a visão ingênua e simplista, e começam a adotar mecanismos para aumentar os resultados positivos de seus empreendimentos pastorais, sociais, educativos e profissionais. Devem fazer isso sempre com reserva profética. Propor alternativas iluminadoras para a humanidade significa, muitas vezes, pagar o preço da incompreensão, da perseguição e até de alguns fracassos. Assim aconteceu com Jesus e assim também sucede com seus discípulos-missionários. A lógica evangélica dos frutos comporta resultados positivos, mas não se confunde com o sucesso a qualquer custo. Especialmente se esse está contaminado pela vaidade e a autossuficiência.

Por fim, Francisco completa a lista das atitudes básicas da comunidade de discípulos missionários com o festejar. Os evangelizadores, cheios de alegria, sabem sempre festejar: celebram cada pequena vitória, cada passo dado. E se alimentam da liturgia (EG 24).

Saber festejar é uma característica de quem tem coração de criança. A pessoa encanta-se com os pequenos passos dados, ri das coisas simples da vida. Não se deixa levar pelo pessimismo. E aquela alegria, que caracteriza os seguidores de Jesus, tem momentos de auge, de expressão pessoal e comunitária. É a festa, a celebração das conquistas. Nela, extravasa-se o contentamento.

Certa vez, um time de futebol conquistou o campeonato nacional, após mais de vinte anos longe do título. A torcida, especialmente o setor mais pobre, fez uma grande festa. Multidões saíram às ruas, cantando e dançando, soltando fogos de artifício, com camisetas e bandeiras. Alegria

desmesurada da festa. Neste clima, um programa de TV entrevistou o técnico: “O que você está sentindo com esta vitória, após tantos anos de luta?”. Ele respondeu, com um tom sério: “Vamos continuar trabalhando para conquistar o título também no próximo ano”. Ao contrário da torcida, este homem não sabia festejar. Em vez de se alegrar com o presente, já estava pensando ansiosamente no futuro. Em qual dos personagens nos vemos mais? A torcida alegre ou o técnico carrancudo?

### **Conclusão aberta: uma oração**

*Nós te damos Graças, Jesus,  
pois tu nos chamas para estarmos contigo,  
na alegria missionária e na intimidade itinerante.  
Contigo despertamos a cada dia,  
pedindo que abras nossos lábios para proclamar teu louvor.  
Por ti dedicamos o trabalho de cada dia,  
desde fazer o simples café da manhã  
até as importantes tarefas a realizar.  
Mantém nosso coração alegre e vibrante.  
Queremos sair na frente, aprimeirar.  
Dá-nos ousadia, desprendimento e coragem.  
Para nos envolvermos com as pessoas e os processos,  
acompanhar, frutificar e festejar.  
Com a alegria da tua presença,  
a leveza da tua companhia,  
a força redentora da tua morte,  
a energia renovadora da tua ressurreição,  
seguiremos o caminho luminoso do Reino.  
Amém!*

### **Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Quais palavras do texto foram marcantes para você?
2. Como você percebe na sua vida que alegria é missionária, e a intimidade com Jesus, itinerante?
3. Recordando as cinco atitudes básicas dos/as discípulos/asmissionários/as, qual delas você cultiva com maior intensidade? Qual delas você precisa desenvolver?

## O cristão diante da universalidade da morte

★ **Sonia Sirtoli**

**Färber** é graduada em Teologia, com a monografia “Morte na Teologia e na Literatura”; especialista em Docência do Ensino Superior, com a pesquisa “Formatura como rito de passagem: representações de morte e luto no final do curso”; mestra em Teologia Bíblica, com a dissertação “*Paroikos* como metáfora sobre a provisoriedade da vida”; doutoranda em Teologia Bíblica, pela EST, São Leopoldo-RS, com a tese: “*Tánatos e Necrosis*: mortes simbólicas e ritos de passagem na literatura neotestamentária”; autora dos livros: *Morte na Teologia e na Literatura*; *Esperança*; *Poemas de amor ao Amor*; *Laços na Alma*; *Morte, onde está a sua vitória?* Articulista da página “Tanatologia” nas revistas *Rainha dos Apóstolos* e *Catedral*, e membro da Rede Nacional de Tanatologia. O presente

SONIA SIRTOLI FÄRBER\*

### 1. Morte: dimensão da existência

Das inúmeras possibilidades de eventos que poderão acontecer em nossa vida, a única de que temos certeza de enfrentar é a morte. Essa realidade acompanha o ser humano desde sempre e de modos diversos. Morrer é preciso, pois só não morre o que não viveu.

A primeira vez que a pessoa encara a morte é no nascimento. Confortável, cômoda e tranquila é a vida do tempo da gestação, mas acaba. Terminado esse prazo – e às vezes antes de nove meses –, todos passam pela sua primeira experiência de morte. Nascer para esta vida equivale a morrer para a outra. Nunca mais aquela pessoa viverá no útero materno, nunca mais sua conexão com o mundo e com as pessoas se dará da forma como aconteceu na fase fetal. Essa morte cada um vive a seu modo, mas, ao mesmo tempo, é comum a todos.

Analisados, desse modo, nascimento e morte são duas realidades conexas, dois enfoques do mesmo evento. Negar um é negar o outro. O que nasceu para uma realidade, morreu para outra. Apesar dessa constatação, ainda é comum ouvir falar da morte como fim, sinônimo de término, quando a morte tem um fim, uma finalidade. Essa finalidade é a vida plena, infinitamente mais ampla e mais cheia de possibilidades.

Para o cristão a morte existe sim – a morte física –, o que não é sinônimo de fim da vida. A vida permanece, transcorrendo e se amplia com essa passagem. Enquanto vivemos

aqui, “trazemos incessantemente em nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que a vida se manifeste, também ela, em nosso corpo” (2Cor 4,10).

Não existe cura para a morte. Existe cura para doenças, e mesmo aquelas que no passado eram incuráveis, hoje são sanadas pela evolução das ciências aplicadas à saúde. Mas para a morte não há remédio ou intervenção. Pode-se curar uma doença, sarar de um traumatismo, alcançar a longevidade, mas não morrer é impossível. Esta impossibilidade está radicada na constituição da vida, tudo que é vivo morre. Morrer é uma dimensão da existência e viver causa a morte.

### 2. A Teologia da Morte

Karl Rahner entrou para a história como um dos grandes nomes da Teologia do século XX, por sua capacidade de reflexão e fineza de intuições. Entre muitas das suas contribuições, a abordagem sobre a morte e, de modo especial, sua obra *Teologia da Morte*, escrita há cinco décadas, continua original. Seu ponto de vista singular e a sua linguagem inovadora impuseram uma nova forma de abordar o tema.

A morte é tema tão importante que se caracteriza em chave teológica na obra de Rahner. Na antropologia cristã há sempre alguma instância em que se confronta com o tema morte, pois a vida humana, como um todo, é orientada para ela.

Assim sendo, qualquer abordagem teológica que tenha como objeto uma dimensão da existência humana há que levar em conta este tema, “porque este ser para a morte está presente na vida humana e comunica-lhe esta problemática, a abertura ao mistério e ao rigor último”.<sup>1</sup>

Na Sagrada Escritura, especialmente no Antigo Testamento, o homem é apresentado como ser criado por Deus, que se relaciona com Ele e com Ele mantém uma relação de diálogo. Em um dado momento de sua história pessoal, todavia, volta a Ele por meio da morte.

trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **E-mail:** clafarber@uol.com.br – Jaú, 131, Tropical, CEP 85807-490, Cascavel-PR.

1. ZUCAL Silvano. *La teologia della morte in Karl Rahner*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1982. p. 80. (TN).

A morte é a única realidade que atinge e alcança toda a humanidade; é nela, e por ela, que acontece a verdadeira igualdade de todos os seres humanos.

Se, por outro lado, tentássemos encontrar no dado biológico a causa e a origem, não seria possível nem poderia ser afirmado de modo indubitável o porquê da morte. Com o avanço sempre crescente das descobertas da Medicina e da Biotecnologia, situações que levavam à morte em tempos passados hoje já foram superadas e, cada vez mais, a tecnologia aplicada à saúde alimenta o sonho da longevidade. Apesar disso, a morte permanece. Dificilmente será encontrada uma razão puramente biológica para a necessidade de morrer. O homem é mortal em seu íntimo. A sua essência está orientada para a morte por um motivo mais profundo do que simplesmente o biológico.<sup>2</sup>

A morte é realidade humana; por isso, independentemente da confissão de fé, todas as pessoas são envolvidas por ela. Para alguns, morte é fim biológico, confronto com a ruptura e o caos. Outros creem na imortalidade da alma e propõem variadas argumentações a respeito da morte, de acordo com sua compreensão. O cristão também deve afirmar sua posição acerca da morte e das realidades por ela desencadeadas, ter ideias claras e desenvolver um arrazoado inteligível sobre essa realidade que, mais que um tema, é limite e acesso da vida, é dever do cristão, pois em Cristo a morte ganhou novos aportes.

O morrer, para o cristão, não deveria se caracterizar como evento negativo, ainda que comporte a dialética entre ação e passividade, fim e completude, impotência e *kénosis* absoluta e abertura à plenitude decisiva.

Morrer é encontra-se com Deus, donde se depreende que é possível assumir com coragem a morte, como horizonte que compreende o nosso ser histórico e finito, e aceitá-la como possibilidade própria e irredutível, fazendo assim do nosso destino o nosso projeto.<sup>3</sup>

2. ZUCAL, 1982, p. 90.

3. ZUCAL, 1982, p. 140.

Nada há de compreendido que não o seja por meio de Jesus Cristo. Nele é posto em evidência e, com transparência, quem é Deus, o que é a vida e quem é a pessoa mesma. Ao revelar-se, Jesus revelou quem é o homem e, ao morrer, Jesus vence o aspecto velado da morte e apresenta verdadeiramente o que é morrer.

Na formulação do *Creio* rezamos e professamos a fé na estada de Jesus na mansão dos mortos, que consiste na afirmação de que Jesus verdadeiramente morreu. Na concepção bíblica, descer ao reino dos mortos significa morrer.<sup>4</sup>

Partindo da afirmação incontestada de que Cristo morreu, encontramos um ponto em que a realidade de Jesus se encontra com a do homem, em perfeita igualdade, porque a morte toca a todos os homens. Apesar disso, há uma realidade totalmente nova: Jesus assume a morte com toda a liberdade de seu ser, impondo um novo caráter a esse evento. Acontece uma mudança radical na forma de entender a morte. A morte de um cristão, portanto, deveria ser completamente diversa da do pecador: o cristão não deveria estar com Deus apenas no momento exato da morte, mas fazer da sua vida espaço e lugar de encontro e vivência com Deus. É o que se depreende do ensinamento contido em vários textos do Novo Testamento (cf. Ap 14,13; 1Ts 4,16; 1Cor 15,18; Rm 6,8; Jo 6, 37.47. 57; 11,26).

Pela enésima vez devemos pontuar que morrer em Cristo não se restringe só ao instante pontual da morte, mas todas as afirmações do Novo Testamento supõem que “a morte real deva ser considerada como uma entidade axiológica compenetrante em toda a vida” e como um ato que se estende por todo o curso da existência, se não queremos reduzir a uma imagem idealizada do morrer cada dia com Cristo na fé e nos atos de justiça de que fala a Bíblia.<sup>5</sup>

Historicamente, o homem que faz sua opção por Deus estabelece com Ele um relacionamento de proximidade e comunhão que atingirá estado definitivo e pleno no encontro decisivo da morte.

4. Cf. ZUCAL, 1982, p. 168.

5. ZUCAL, 1982, p. 179.

### 3. Mortes simbólicas

Se, por um lado, o nascimento imprime a marca da vida e do constante encontro com a morte, existem outros acontecimentos que caracterizam o que Rahner chama de morrer interior. Eventos como doença grave, sofrimento, dor, fracassos e ausência de pessoas queridas, entre outros, trazem a marca da morte, pois questionam a pessoa e levam-na a fazer um diagnóstico e uma revisão da sua vida, modificando sua forma de entendê-la.

Diante de realidades como essas, emerge a consciência da impotência, que não é somente física, mas humana. Tais situações aproximam o homem da morte, levando-o a refletir sobre a limitação que não abarca somente o âmbito biológico, mas que permeia todo o ser.

Aspectos sociais e históricos apontam para a presença da morte também no cotidiano humano no âmbito coletivo. A morte, assim entendida, apresenta-se na precariedade das realidades humanas e no estado de provisoriedade em que a humanidade está imersa. São Paulo já orientava os leitores de Corinto a perceber a morte que acontece de forma simbólica ao longo da vida e, assim, investir todo empenho em preparar-se para o evento: “Enquanto o homem exterior vai definhando, o nosso homem interior se vai renovando dia a dia” (2Cor 4,16).

A vida humana, nas suas várias fases e estágios de desenvolvimento, traz, implicitamente, a marca de morte de determinadas realidades e aquisição de novas, por meio das transições que a própria passagem da vida impõe. A estas realidades nomeamos de mortes simbólicas. O ser humano vive em um estado de constantes mudanças, adaptações e ressignificações da própria existência, visto estar em constante processo de construção que, por vezes, exige desconstrução de uma condição anterior.

As passagens espontâneas de um *status* para outro não são detectadas a priori, nem é feita reflexão consciente sobre elas; simplesmente são vividas e seu impacto é assimilado no cotidiano, sem grande desgaste de energia psíquica e

emocional. Assim se dá na passagem das estações e dos meses, na troca de horários de atividades ou cuidado (terapêutico e estético), entre outros. O mecanismo é outro quando as passagens incidem sobre a pessoa, exigindo dela uma reorganização da vida, dos projetos e sentidos. Estas passagens necessitam ser acompanhadas com reflexão consciente e com ritos de passagens, por serem mudanças que evidenciam a efemeridade da condição humana, a provisoriedade das relações e, especialmente, a transitoriedade da vida.<sup>6</sup>

Essas passagens são marcadas por sentimento de morte simbólica, que se processa quando a pessoa volta-se para si mesma, recolhe-se e vivencia a experiência de um final de etapa ou de estado de vida que, sob algum aspecto, não deixa de caracterizar-se como morte, naquele recorte específico. Estas realidades de morte acompanham a vida. Elas não apenas fazem parte de um recurso literário antitético, mas é verificável na passagem da infância para a puberdade, na menopausa e no climatério, nas mudanças de endereço, nos rompimentos de relacionamentos interpessoais, namoro e casamento, nas enfermidades, na aquisição de deficiências, na amputação de membros e órgãos, no ingresso na vida escolar, final de curso e formatura, no casamento, na ordenação, entre outros exemplos.

As ciências humanas expõem o progresso humano nas suas várias dimensões, analisando os seus estágios de desenvolvimento, através dos quais são evidenciadas as transformações inerentes à condição humana e as adaptações necessárias à vida em comunidade, e impostas, portanto, pelo meio em que vive. “A idade e as diferenças etárias estão entre os mais básicos e cruciais aspectos da vida humana e determinantes do destino humano”, afirma Eisenstadt.<sup>7</sup>

Do nascimento até a morte, cada indivíduo passa por diferentes fases etárias: infância, juventude, maturidade e velhice. Em cada uma são executadas diversas tarefas e têm-se diferentes posições em relação aos outros membros da sociedade. A estrutura etária promove a integração social, sugere comportamentos sociais e cria uma interação entre os indivíduos. Não se conhece

6. GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Tradução de Mariano Ferreira e Roberto Da Matta. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 31.

7. EISENSTADT, Samuel N. *De geração em geração.* Tradução: Sérgio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 1.

nenhuma sociedade que não distinga as várias “idades” e não as defina por meio de normas e valores de sua tradição cultural.<sup>8</sup>

No itinerário da existência humana, a provisoriedade é contínua e estabelece a renovação orgânica e psíquica necessárias para a conservação do indivíduo, sem a qual estagnaria e, por consequência, todas as áreas de sua vida ficariam comprometidas. Em cada faixa etária situam-se exigências próprias, que o sujeito é interpelado a corresponder, assimilar e progredir, para que a resolução do conflito que emerge da crise imposta pelas transformações possa ocorrer sem dano e trauma.

#### 4. A provisoriedade da vida e o conceito de Paróquia

O cristão, apesar de sua condição humana de finitude, encontra motivos de esperança na realização das promessas bíblicas de futuridade. É rica a simbologia e o conjunto de imagens bíblicas sobre o estado de peregrinação em que vive a humanidade, até que atinja a sua consumação e chegue à terra prometida: a Jerusalém celeste.

Imagem de provisoriedade e itinerância é a da *paroikia*, que significa “residência em terra estrangeira”. Quando uma pessoa, família, tribo ou nação encontrava-se fora de sua pátria e via-se obrigado a montar sua tenda em terra estrangeira, dizia-se que este era *paroikos*: forasteiro, estrangeiro, peregrino ou exilado. No Novo Testamento, oito vezes aparece termo “paróquia” e suas flexões:

- Lc 24,18: “Tu és o único forasteiro (paroquiano) em Jerusalém, que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?”
- Hb 11,9: “Foi pela fé que residiu como estrangeiro (paroquiano) na terra prometida, morando em tendas com Isaac e Jacó, os co-herdeiros da mesma promessa.”
- At 7,29: “Moisés fugiu e foi viver como forasteiro (paroquiano) na terra de Madiã...”

8. MEIRA, Mônica Birchler Vanzella. Sobre estruturas etárias e ritos de passagem. *Ponto-e-vírgula*. São Paulo: PUC, 2009. v. 5, p. 186.

- At 13,17: “O Deus deste povo, o Deus de Israel, escolheu nossos pais e exaltou o povo em seu exílio (paróquia) na terra do Egito.”
- 1Pd 1,17: “E se chamais Pai aquele que com imparcialidade julga a cada um de acordo com suas obras, portai-vos com temor durante o tempo do vosso exílio (paróquia).”
- At 7,6: “E falou-lhe Deus que a sua descendência seria peregrina (paroquiana) em terra estrangeira...”
- Ef 2,19: “Portanto, já não sois estrangeiros (paroquianos), mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus.”
- 1Pd 2,11: “Amados, exorto-vos, como a peregrinos (paroquianos e forasteiros neste mundo...)”

Paróquia no sentido teológico-bíblico equivale a um espaço onde aqueles que caminham para sua pátria – a pátria celeste – têm a sua tenda, o seu abrigo. É o lugar onde os que são forasteiros encontram descanso; onde podem partilhar suas experiências com outras pessoas que também, como eles, estão marchando de volta para casa. O povo de Israel, enquanto caminhava em terra estrangeira, tinha assegurado o alimento dado pelo próprio Deus, o maná, o pão do céu, e isto fez com que chegasse à Terra Prometida.

O cristão sabe que está aqui de passagem, e que na verdade sua cidadania é celeste; por isso, enquanto está em terra estrangeira, é na paróquia que renova suas forças alimentando-se do “pão vivo que desceu do céu” (Jo 6,5), a Eucaristia!

Em 2Cor 5,1-2, São Paulo utiliza desta imagem de transitoriedade, já conhecida, e aplica à vida humana, especialmente ao corpo: “Sabemos que, se a nossa morada terrestre, esta tenda, for destruída, teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas”. Mais evidente se torna essa imagem se vinculada a 2Cor 4,16: “Enquanto o homem exterior vai definhando, o nosso homem interior se vai renovando dia a dia”.

O ser humano está na terra, mas sua casa é o céu, com Cristo, que foi preparar uma casa, uma morada: “Não se

perturbe o vosso coração! Crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar, e quando eu for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que onde eu estiver, estejais vós também” (Jo 14,1-3). A promessa de Jesus é para todos. Mas o cristão é chamado a crer e irradiar esta verdade.

### 5. Luto

Absorver a realidade da morte e suas consequências nem sempre é fácil. Na maioria das vezes requer um esforço hercúleo para alcançar a resiliência necessária. A ausência física é dolorosa. Pensar no futuro sem a pessoa amada parece, a princípio, inadmissível. Aceitar o *nunca mais aqui* é difícil e requer tempo. Sofrer pela morte de quem queremos bem é humano. O próprio Jesus se comove com a morte do amigo (cf. Jo 11,33) e com o sofrimento da família enlutada.

Os cristãos, muitas vezes, diante da morte reagem como Marta e Maria e acusam Deus (Jesus) de não ter estado presente naquele momento, pois se estivesse o “irmão não teria morrido” (cf. Jo 11,21.32).

João apresenta a reação universal diante da morte: culpabilizar alguém ou alguma instância pela ocorrência da morte e pela irrevogabilidade humana do morrer. Esta expressão, mesmo que velada, de raiva é uma das fases do luto apresentadas no estudo pioneiro de Tanatologia, de Elisabeth Kübler-Ross.<sup>9</sup>

Diante da morte ocorrida ou do anúncio antecipado da morte, o processo de luto tem início e as fases que se seguem (nem sempre nesta ordem) são: negação, barganha, raiva, depressão e aceitação. Fases estas que se sucedem ao longo de, pelo menos, um ano. Tempo necessário para que o enlutado reorganize suas emoções e volte ao equilíbrio anterior ao evento de morte. O luto não é opcional nem acontece, somente, na vida daqueles que estão menos preparados ou não maduros na espiritualidade. Não! O luto

9. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. Tradução de Thereza Liberman Kipnis. São Paulo: Edart, 1977. p. 43-59.

é equivalente à perda. E, portanto, será tão mais exigente quanto maior o vínculo e a saúde do relacionamento que mantinham.

Luto é tempo de grande labor emocional e espiritual, que, se não for vivido até cessar o fluxo normal de cada fase, poderá ser adiado ou mesmo negado, o que fará com que ele ganhe força no silêncio e na sublimação, e manifestar-se-á, novamente, quando outra perda ocorrer, seja ela um óbito, seja morte simbólica. E, nestes casos, o luto poderá ter reações exageradas a estímulos mínimos ou pouco intensos, porque os lutos se sobrepõem. São casos de lutos complicados e patológicos.

### 6. O diferencial cristão

Diante do sofrimento da família de Lázaro pela sua morte, Jesus afirmou: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. Quem crê em mim jamais morrerá” (Jo 11,25s). É a fé em Jesus Cristo que fortalece e impulsiona cada pessoa no tempo de luto.

A ressurreição de Jesus é a certeza e afirmação de que a vida não acaba, mas transcende. Com a morte, a pessoa sai do tempo para entrar na eternidade, pois toda pessoa é um ser imortal vivendo no tempo.

A dor do cristão que se confronta com a morte não é, nem pode ser, sinônimo de desespero, pois é em Deus que deve repousar sua esperança. Onde há esperança não há desespero. O livro de Sabedoria (1,13s) afirma que Deus não fez a morte nem experimenta alegria quando perecem os vivos. Criou todas as coisas para que tenham existência. Tanto é certo que Deus quer que todos cheguem ao termo de sua vida cheios de força que Ele se deu em alimento na Eucaristia. Eucaristia é comunhão com Cristo e sinal da vida eterna que inicia seu processo já na história cotidiana, colocando o cristão na dinâmica do encontro definitivo com Deus e com todos os que já estão junto d’Ele: quem comer do pão que desce do céu, não morrerá... quem comer deste pão viverá eternamente... quem come a minha carne e bebe o

meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6,50-51.54).

Desta grande esperança, a dos céus novos nos quais habitará a justiça, não temos penhor mais seguro, sinal mais manifesto do que a Eucaristia. Com efeito, toda vez que é celebrado este mistério, opera-se a obra da nossa redenção e nós partimos um mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto não para a morte, mas para a vida eterna em Jesus Cristo (CaIC 1405).

Com Jesus não há morte, há páscoa, passagem desta vida para a vida definitiva: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, possui a vida eterna... passou da morte para a vida” (Jo 5,24).

A fé na ressurreição é distintivo, e qualificativo, dos cristãos no enfrentamento das perdas e, especialmente, da morte. Esta é a noção que os evangelhos impõem:

- “Por que procurais entre os mortos aquele que vive?”, pergunta-lhes o anjo (Lc 24,5).
- “Não vos espanteis! Jesus Cristo, o Crucificado, Ressuscitou!”, diz o jovem (Mc 16,5).
- “É verdade! O Senhor ressuscitou...”, confirmam os discípulos de Emaús (Lc 24,34).
- “Alegrai-vos!”, diz Jesus (Mt 28,9).

A ressurreição é núcleo central do evangelho, do *kerigma*, do Cristianismo; sem ela, vazia seria nossa esperança e vazio nosso discurso, diz São Paulo em 1Cor 15,13. Ele ressuscitou! Essa certeza ilumina a vida, de modo todo especial, quando se depara com o limite humano, quando a morte acontece.

Cristo ressuscita e aparece a seus amigos discípulos e a toda uma comunidade. Ressuscitar é ter corpo emancipado das leis naturais, mas, mesmo assim, ter corpo físico, visível, tocável. Nada de fácil compreensão... Só assumido pela fé, e essa é certeza, porém subjetiva. Talvez por isso Jesus Ressuscitado dê provas de que Ele não é uma visão apenas: apareceu a Pedro, aos Doze e a mais de quinhentas pessoas (cf.

1Cor 15,6); fez refeição (cf. At 1,4; Jo 21,12); “comeu diante deles” (Lc 24,42s) e, especialmente, ordena a Tomé: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos ! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!” (Jo 20,27).

Concluindo, podemos afirmar que a morte recebe o mesmo olhar que a pessoa tem pela vida, por isso a acolhemos como aceitamos a vida. Quem vivencia com serenidade as situações adversas que se apresentam, prepara-se para aceitar a morte. Morre melhor quem morre um pouco a cada dia, quem renuncia e aceita as limitações que se impõem; e ainda quem não tenha todas as respostas mantém-se confiante em Deus e em sua providência. A fé na ressurreição é o distintivo dos cristãos.

## Referências

- EISENSTADT, Samuel N. *De geração em geração*. Tradução de Sérgio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FÄRBER, Sonia Sirtoli. *Morte na teologia e na literatura*. Porto Alegre: Pallotti, 2009.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Tradução de Mariano Ferreira e Roberto Da Matta. Petrópolis: Vozes, 1978.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. Tradução de Thereza Liberman Kipnis. São Paulo: Edart, 1977.
- MEIRA, Mônica Birchler Vanzella. *Sobre estruturas etárias e ritos de passagem. Ponto-e-virgula*. São Paulo: PUC, 2009. v. 5.
- RAHNER, Karl. Dimensões do martírio. *Revista Concilium*/183 (1983).
- \_\_\_\_\_. Reflexões fundamentais sobre a Antropologia e a Teologia no conjunto da Teologia. *Mysterium Salutis*/2 (1972).
- \_\_\_\_\_. *Teologia e Antropologia*. Tradução de Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1969.
- RUPNIK, Marko Ivan. *Dire l'uomo*. Persona, cultura della Pasqua. Roma: Lipa, 1996. v. I.
- SALVOLDI, Valentino. *Non si muore, si nasce due volte*. Padova: Messaggero di Sant'Antonio, 2003.

ZUCAL, Silvano. *La teologia della morte in Karl Rahner*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1982.

### *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. Em nossas casas e comunidades religiosas, como vivemos o processo de enlutamento?
2. Quais reservas e preconceitos diante do enfrentamento das perdas e da morte são mais evidentes e recorrentes na sua área de atuação pastoral?
3. Quanto à Pastoral da Esperança da minha comunidade, paróquia e/ou diocese: As fases do luto e mortes simbólicas fazem parte do elenco de temas trabalhados na formação dos agentes? Como a Pastoral está estruturada? A sua atuação é interdisciplinar?

## A morte como o fim e a plenitude da vida

RAFAEL LOPEZ VILLASENOR\*

Refletir sobre a morte é uma tarefa difícil, por tratar-se de uma realidade irreversível, mesmo que para nós cristãos seja a plenitude da vida. Ela sempre chega de surpresa, até mesmo quando o enfermo encontra-se em um estado de saúde delicado, mas continuam lutando pela vida. Ela não é fim de tudo, porém o começo de uma nova realidade.

Entretanto, o que é a morte? Infelizmente, nunca saberemos realmente o que a morte significa para o próprio morto. Ainda que seja refletida de muitas maneiras: intelectualmente, como objeto de especulação filosófica; religiosamente, como elemento da teologia; culturalmente, como parte da pesquisa e da curiosidade humana; mas, ao final, sempre temos o conhecimento e a experiência da morte alheia, e quando experimentaremos a própria morte, não a poderemos contar. Enfim, nunca nos é dado adentrar no enigma, problema ou mistério do fim da vida. Só os vivos profere pronúncios sobre a morte. Os mortos, esses se calam definitivamente para o universo da enunciação.

O artigo faz uma abordagem do sentido da morte, a partir da antropologia e da teologia bíblica, buscando meditar o fato de envelhecer e de morrer como parte integrante da existência humana.

### *O processo de envelhecimento humano*

Nascer, crescer, envelhecer e morrer fazem parte da vida; porém, na modernidade, foi criado o mito da eterna juventude. Ninguém gosta de envelhecer, há grande dificuldade

\* **Rafael Lopez Villaseñor** é doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP e mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP. Missionário Xaveriano. **E-mail:** rafamx65@gmail.com.

de aceitar o envelhecimento, o velho parece ser sempre o outro e o descartável. Entretanto, existe uma maior dificuldade em aceitar a morte como um processo natural; ela parece ser um dos maiores tabus do nosso tempo, mesmo sabendo que cada dia que se vive é um dia que se morre e que esse caminho é inevitável. No percurso da vida, a sensação de muitas pessoas “ao ver o processo de envelhecer é de que o ser humano, rejeitando a morte como rejeita, recusando-a com todas as suas forças, tende a rejeitar também a velhice” (SANTOS, 2003). Somos todos seres mortais, que envelhecemos, feitos de tempo e de história.

O envelhecimento provoca no organismo modificações biológicas, psicológicas e sociais; é na velhice que esse processo aparece de forma mais evidente. As modificações biológicas são as morfológicas, reveladas por aparecimento de rugas, cabelos brancos e outros sinais; as fisiológicas, relacionadas às alterações das funções orgânicas; as bioquímicas estão diretamente ligadas às transformações das reações químicas que se processam no organismo. As modificações psicológicas ocorrem quando, ao envelhecer, o ser humano precisa adaptar-se a cada situação nova do seu cotidiano. Já as modificações sociais são verificadas quando as relações sociais tornam-se alteradas em função da diminuição da produtividade e, principalmente, do poder físico e econômico, sendo a alteração social mais evidente em países de economia capitalista (cf. SANTOS, 2003).

Para Edgar Morin, no processo de envelhecer é que o ser humano, rejeitando a morte como a rejeita, recusando-a com todas as suas forças, tende a rejeitar também a velhice; talvez por ser a fase da vida que mais se aproxime da morte, tornando a velhice um peso. Para o autor, sendo o ser humano marcado pela consciência da tragédia da morte, ele tenta inventar os mitos para negá-la ou para encontrá-la, pensando nos meios para aceitá-la. Desse jeito, dá-se conta de que o problema da consciência do ser humano é atravessado pelo tempo, tornado tudo trágico pelo fato da morte um dia chegar. Essa ação se traduz em agonia, principalmente durante a velhice. Ainda, Morin afirma que “não

encaramos as tragédias da idade se não encararmos diretamente a tragédia da morte”. Mesmo a aproximação com o lado espiritual de alguns idosos, na última fase do processo de viver, surge não para o crescimento deles como seres humanos, não para angariar pontos para a vida eterna, mas como uma defesa contra a morte. Enfim, só podemos aceitar a morte se vivermos plenamente a vida sabendo envelhecer.

O envelhecimento é um processo que ocorre durante o percurso da vida do ser humano, iniciando-se com o nascimento e terminando com a morte. Em outras palavras, o envelhecimento começa no útero e termina no túmulo. Para Edgar Morin (1997, p. 320), a velhice e a morte estão inscritas na herança genética humana e que são “coisas normais e naturais, porque uma e outra são universais e não sofrem qualquer exceção entre os mortais”. Esta dura realidade é rejeitada pela humanidade, por ser cruel e não ceder espaço para qualquer alternativa diferente do envelhecimento e da finitude.

A nossa vida, apesar de nos últimos anos ser mais longa, isto é, se vive mais,<sup>1</sup> parece ser subjetivamente muito breve e sentimos que passa muito depressa. É uma vida repleta de ocupações e preocupações materiais, diante das quais a sociedade exige que respondamos prontamente, até que um dia, inesperadamente, nos chega a própria morte. O envelhecimento populacional é um fenômeno universal, que também atinge a Vida Religiosa Consagrada. Os fatores responsáveis pelo envelhecimento são discutidos, com especial referência ao declínio tanto das taxas de fecundidade como das de mortalidade. As repercussões para a sociedade, de populações progressivamente mais idosas, são consideráveis, particularmente no que diz respeito à saúde. Os padrões de mortalidade e morbidade são discutidos, e o conceito de autonomia, como uma forma de quantificar qualidade de vida, é introduzido.

Existem muitas congregações religiosas com elevada média de idade, com pequena entrada de vocações, com grande saída de consagrados(as) jovens e de média idade. Será que algumas congregações vão morrer? Será que a Vida

1. A ONU afirma que há no mundo 893 milhões de pessoas com mais de 60 anos, mas no meio do século este número passará de 2,4 bilhões. Segundo o pesquisador, não há razão de continuar-se discutindo a explosão demográfica global. Antes, falava-se que a população chegaria rapidamente a 15 bilhões de pessoas, mas hoje sabemos que é provável que a estabilidade chegue antes e que não passemos de 10 bilhões. Segundo dados do IBGE (2011), a população brasileira acima de 60 anos praticamente dobrou nas últimas duas décadas. As pessoas com 60 anos ou mais de idade já representam 12,1% da população total. Essa realidade solicita, de modo geral, as instituições a oferecer sempre mais condições de vida melhores, tanto nas questões sociais como nas questões geriátricas.

Religiosa também envelheceu? De fato, nos países do hemisfério norte há poucas vocações e poucos religiosos(as) com menos de 40 anos de idade. Sublinhamos que, além da escassez de vocações, é cada vez mais comum o abandono da Vida Religiosa Consagrada por parte de jovens, após a profissão perpétua ou a ordenação sacerdotal.

### *A morte como parte integrante da vida*

Desde os primórdios da civilização, o nascimento e a morte despertam no ser humano uma grande curiosidade e inquietação. A morte, assim como a doença e o sofrimento, são partes integrantes da condição da vida humana. Falar da morte é difícil porque, queiramos ou não reconhecê-la, sabemos que nascemos com um corpo para viver e para morrer. Mas a ideia de morte difere ao pensarmos em nós próprios ou nos outros que são próximos a nós. Pensar na morte deve conduzir-nos à autorreflexão do sentido da nossa vida, não à tristeza ou depressão.

Quando a morte se anuncia na nossa vida ou na vida dos seres da nossa intimidade através da doença incurável, ou nas premissas de uma sentença irreversível, ficamos demasiados abalados por tudo aquilo que acontece, para nos entregarmos a considerações gerais sobre a morte (CANASTRA, 2007 p. 10). Pensar a morte é pensar a vida; não se pode pensar em viver sem lembrar de morrer, viver é morrer. Como se diz popularmente: “Só morre quem está vivo”. Nascer, crescer, viver e morrer fazem parte do processo biológico. “Biologicamente, estamos sempre morrendo, células morrem, são eliminadas e surgem outras” (BRUSTOLIN, 2008, p. 207).

O ato de morrer faz parte da constante renovação da vida e é inerente à condição humana, é algo que o ser humano sempre teve dificuldade em aceitar. A morte, assim como a doença e o sofrimento, são parte integrante da condição humana, somos seres feitos para morrer. Enquanto se vive, morre-se, o que significa que vive-se a morte; cada dia mais de vida é um dia a menos e um dia mais perto da finitude:

“a morte é uma presença a cada instante da vida, e não apenas um acontecimento que lhe vem ao encontro de modo extemporâneo, declarando-lhe um fim” (BRUSTOLIN, 2008, p. 216).

A morte permanece intrusa, mas convida a buscar respostas. Pode convidar ao desespero, mas também pode elevar à afirmação da esperança que tem o fundamento no Deus da Vida. O homem é um “ser para a morte” com as características de finitude e temporalidade; estes são os fundamentos ocultos que marcam a trajetória. Ora, esta interpretação será a grande contribuição de Heidegger, porque deixa claro que a morte só pode ser compreendida no horizonte da vida humana, ou seja, a morte se nutre da vida. Toda morte é solitária e única. Desde o nascimento, um homem é suficientemente velho para morrer (PETRAGLIA; BASTOS, 2009, p. 24).

Ainda que o homem tenha consciência de que vai morrer, mesmo que a hora e o dia sejam desconhecidos, existe sempre um desejo de atingir a imortalidade. A consciência da morte passa a ser um “amigo” não distante e fruto da consciência humana da própria finitude: “A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É só ‘por experiência’, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo” (MORIN, 1997, p. 61).

Esses e muitos outros conjuntos de ideias movem o homem num sentido positivo diante do fenômeno da morte, proporcionando qualidade de vida, cujo intuito é aproximar-se do mistério do “morrer” mesmo sabendo que é indecifrável. “Só podemos compreender a humanidade da morte compreendendo a especificidade do humano” (MORIN, 1997, p. 24). Neste sentido, na modernidade o ser humano se sente senhor de tudo e autossuficiente, tem dificuldade em aceitar a inevitabilidade da morte, que surge como um fantasma a impor-lhe limites, é vista como uma fatalidade:

A consciência realista da morte é traumática em sua própria essência, a consciência traumática da morte e realista da sua própria essência. Onde o traumatismo ainda não existe, onde o cadáver não está singularizado, a realidade física da morte ainda não está consciente (MORIN, 1997, p. 35).

A morte deixou de ter expressão social e familiar humanizada, como morrer em casa, acompanhado pela família, amigos, e ser assistido pelos últimos ritos religiosos, como acontecia há alguns anos. Hoje, o homem morre em maior número em instituições hospitalares e outros centros de apoio a doentes e idosos, rodeado de tecnologia, mas em grande solidão afetiva. A morte perdeu o lugar físico e simbólico de sempre, isto é, a casa. Ela tornou-se estranha, perdeu o lugar natural de sempre, a vida, a vida do próprio ser, a vida da própria família. Perdeu o seu lugar na imensa teia de relações que constituem a vida. Isto porque a morte não cabe nos conceitos de êxito, de sucesso e de felicidade da modernidade, convertendo-se em um tabu.

Encarar a morte, sem iludir, ignorar ou maltratar, sem fugir nem fingir, é dever de todos os profissionais de saúde, tentando encontrar mecanismos para se defrontarem com a morte, em qualquer idade, com maior ou menor sofrimento, com maior ou menor dificuldade, apoiando quer o doente, quer a família, em situação de final de vida (CANASTRA, 2007 p.95).

A morte deve fazer parte da estrutura do ser, porquanto não pode ser vivida sem morrer. Cada processo vital contém em si um processo mortal. O futuro sempre nos é desconhecido, a única certeza é a própria morte. Ela é um fato físico e natural, não podemos dominá-la, porém é possível prever sua evolução, especialmente com o progresso da medicina. Deve-se dar o direito à morte natural hoje esquecida. Os limites da vida podem também nos ajudar a aceitar a morte de maneira natural, como parte integral da vida. A morte é uma fase de um ciclo infinito. Como foi dito, enquanto se vive, se morre: “a morte é uma presença a cada instante da vida, e não apenas um acontecimento que vem

ao encontro de modo extemporâneo, decretando o fim de tudo” (BRUSTOLIN, 2008, p. 216). Ela é o fim irrecurável, irrevogável, é o único evento na vida sem retorno.

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática (MORIN, 1997, p. 33).

Mesmo tendo consciência da finitude e da inquietação diante da morte, sempre presente, isso leva a termos crenças, mitos e tradições em torno dela; gostaríamos de ser eternos neste mundo, mas sabemos que é impossível. Talvez por isso a morte seja considerada cruel e fria, que não cede espaço para nenhuma tentativa dialógica, representando um mistério, e tal fenômeno foge de qualquer compreensão humana. A humanidade sempre se preocupou, desde os primórdios dos tempos até a atualidade, em tentar explicar a morte. Quiçá, “o luto exprime socialmente a inadaptação à morte, ao mesmo tempo, ele é este processo social da adaptação que tende a fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes” (MORIN, 1997, p. 80).

Aceitar a morte *não significará acolher antecipadamente a própria finitude* e muito menos *não ter medo de morrer*. “Cada pessoa experimentará o seu processo de morrer da sua forma, tal como terá experimentado outros processos durante toda a sua vida. A morte é mais uma etapa da vida, que deve chegar em qualquer momento” (CANASTRA, 2007, p. 72). Infelizmente, a vida e a morte são companheiras inseparáveis, mistérios inesgotáveis. A morte mostra quanto o ser humano é frágil, pequeno e revela o limite da natureza humana. Neste sentido, o enfermo tem o direito de não saber que vai morrer e, se o sabe, agir como se o não soubesse, mas a morte não deve criar problemas aos sobreviventes: “O ideal consiste em desaparecer em bicos de pés, sem que

ninguém note. Esta é a morte doce do homem massificado” (CANASTRA, 2007, p. 62).

Enfim, a morte é vista como uma derrota para a ciência. Esquecemos que ao nascer passaremos por momentos de alegrias e tristezas, saúde e de doença, de sofrimento e de conforto, até o dia em que morremos. Sabe-se que se vive na espera de morrer, porque se a morte não tem sentido, também a vida não faz sentido. Porém, a filosofia do mundo moderno pretende suprimir a morte, a dor, o envelhecimento.

### *A vida humana para além da morte*

Nós cristãos acreditamos no Deus da Vida e vemos a morte como a passagem para a Vida Eterna; ela não é uma tragédia, porém a plenitude da vida. O próprio Jesus afirma: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá” (Jo 11,25), palavras que nos dão a real certeza de que a morte não é fim de tudo, que morrer não é um drama, nem um tabu, mas é viver junto com Deus.

No *judáismo*, morrer era dar o último suspiro, entrar na morada dos mortos. Não existia o conceito da ressurreição, as pessoas tinham que usufruir bem da vida e dos bens desta terra; tudo dependia da teologia da retribuição (Dt 5,33; Lv 18,5; Ne 9,29; Sl 112,1-6). A morte era vista como fruto do pecado (Gn 3,22). A primeira vez que aparece o tema da ressurreição é pelo ano 164 a.C. (Dn 12,2-3; 2Mc 7,9.11.23; 14,46) e a vida dos justos é vista nas mãos de Deus, que esperam a imortalidade (Sb 3, 1-9). Aos poucos a morte como fim de tudo se torna inaceitável.

*A morte e a ressurreição de Lázaro* (Jo 11,32-45) aponta para a morte e a ressurreição de Jesus, porém este novamente vai morrer, enquanto Jesus ressuscita para a vida definitiva. Na cultura judaica se acreditava que, até o terceiro dia após a morte, ainda havia esperanças de que o morto voltasse à vida. O episódio não deixa dúvidas, Lázaro está morto há quatro dias (Jo 11,17.39). O quarto dia selava definitivamente a morte de uma pessoa, iniciava-se a decomposição, e o

espírito se afastava para sempre do corpo. Dizer, portanto, que Lázaro está morto há quatro dias significa que a morte tomou definitivamente conta dele, sem retorno, é irreversível. A ressurreição de Lázaro é sinal da primazia do Deus da Vida sobre a morte (Jo 11,25).

Na parábola do rico e do mendigo, Lázaro manifesta que o Deus da Vida opta pelos pobres (Lc 16,19-31). A morte nivela a todos, porém a sorte é bem diferente; Lázaro é levado pelos anjos junto de Abraão, isto é, torna-se íntimo daquele que foi solidário com o mais fraco (Cf. Gn 13,5-12). A situação após a morte se inverteu, o rico está em tormentos e Lázaro junto de Abraão. O texto manifesta que a filiação não é suficiente para obter a salvação, mas a prática que espelhe a misericórdia de Abraão.

O *texto dos discípulos de Emaús* (Lc 24,13-35) apresenta um contexto de perplexidade e desânimo diante da morte, porém o Ressuscitado se faz presente como força que dá ânimo e apresenta o rosto do Deus da Vida. Jesus é aquele que caminha com a humanidade, com a energia de sua vitória sobre a morte. A perplexidade e o desânimo dos discípulos se manifestam no teor da conversa (Lc 24,14). Revelam o estado de ânimo das pessoas desorientadas e desanimadas, sem força para o testemunho, mas o Ressuscitado caminha junto. A desorientação dos discípulos não experimenta a vitória do Ressuscitado: eles continuam acreditando na morte como fim de tudo. Eles percebem os fatos, mas não os discernem, vivem a frustração diante da morte. Jesus está caminhando com eles, porém eles não o reconhecem; no diálogo percebe-se que eles conhecem os fatos referentes à vida de Jesus antes e durante a paixão. De fato, acreditavam que depois do terceiro dia o espírito se afastaria definitivamente do corpo, sem possibilidade de retorno. A morte teria tomado conta de todo o projeto de Jesus e da comunidade. Então Jesus suscita a fé na ressurreição a partir da Bíblia (Lc 24,27). Logo ao chegarem à casa vem o pedido dos discípulos: “Permaneça conosco, pois já é tarde e a noite vem chegando!” (Lc 24,29) Este é o próprio apelo da comunidade cristã e da Vida Religiosa Consagrada. Jesus aceita

o convite de hóspede, passa a ser dono da casa, o anfitrião, pois é ele quem partilha o pão; porém, logo desaparece, porque os discípulos finalmente acreditam no Ressuscitado e no Deus da Vida.

O *Apóstolo Paulo* elabora uma extensa teologia sobre a ressurreição, o que faz pensar que nas primeiras comunidades existiam diversas posições sobre o tema (1Cor 15,1-57). Alguns não acreditavam na possibilidade de uma vida além da morte; outros excluía a ressurreição, mas admitiam a imortalidade da alma. A filosofia grega afirmava que só o espírito é que tem valor, o corpo era a prisão da alma. Para Paulo, o fato de Jesus ter ressuscitado resgata a dignidade do corpo e das pessoas. Cristo venceu a morte para sempre, abrindo as portas para a vitória da vida sobre a morte. Portanto, os mortos ressuscitarão também como Cristo ressuscitou. Contrapõe Adão a Cristo, o pecado do primeiro acarretou a morte para todos; a morte e a ressurreição do segundo confere vida a todos (1Cor 15,22). A luta contra a morte é tarefa conjunta de Cristo e dos cristãos. Só quando estes participarem da vida plena em Deus é que Cristo dará por encerrada sua missão. Ainda, o *Apóstolo Paulo* afirma que, pela morte, pela ressurreição de Jesus e pela efusão do Espírito Santo, todos podemos ter acesso ao projeto de Deus, que é liberdade e vida (Rm 8,18-23). Deste modo, para os cristãos a morte não é um fatalismo. Abre-se uma perspectiva nova, a da vida no Espírito de Jesus, que levará à plenitude. Além disso, o sofrimento presente não é estéril quando entendido como parto do mundo novo. A filiação divina e a vida no Espírito não dispensam o cristão de viver em contínua tensão pela vida, pela transformação e libertação definitivas; ser filho de Deus e possuir os primeiros frutos do Espírito é gerar e dar à luz constantemente o mundo transcendente.

A *ressurreição de Jesus* apresenta que a morte não é o lugar do aborto do projeto de Deus (Jo 20,1-9), não se deve ver a morte como lugar de fracasso, mas como lugar necessário para chegar à ressurreição e à vida eterna; o túmulo não é o lugar da morte, e sim o caminho para o encontro com o Deus da Vida. Para o cristão que acredita na ressurreição, a

morte não interrompe a vida, porém a transforma. A ressurreição torna-se afirmação da vida e rejeição de todo estado de morte. A ressurreição é supremacia da vida sobre a morte, é afirmação à vida corpórea dos pobres sobre todo tipo de morte e de opressão, manifestando ao Deus da Vida. Negar a vida ao corpo é matar a pessoa, é matar o direito de ressurreição dos crucificados da história. Não há salvação apenas pelo fato de ser crucificado; não é no sofrimento que está a salvação, isto seria absurdo! É necessário ressuscitar. Só um povo que vive e que ressuscitou da morte que se lhe impôs pode salvar o mundo. Como Jesus crucificado ressuscitou, o povo sofredor é chamado a ressuscitar. A ressurreição de Jesus é a esperança da ressurreição, da vida e do futuro para os crucificados da história que buscam vida em abundância (cf. Jo 10,10).

### *Considerações finais*

A morte é o fim da vida, entendida como meta alcançada e como plenitude da vida, que faz pensar na situação existencial que ocupamos neste mundo. Indiscutivelmente, a morte é a marca do fim da nossa caminhada, mas é também o começo de uma nova realidade transcendente como plenitude. Pensar a morte como fim de tudo é inaceitável. Entretanto, a única certeza que temos é que um dia todos iremos passar por essa experiência que não poderemos narrar, apenas vivenciar.

A morte não pode ser vista apenas como uma derrota para a humanidade, mas como parte integrante da plenitude da vida. Na nossa existência humana atravessamos momentos de alegrias e de tristezas, situações de saúde e de doença, estados de sofrimento e de conforto, até que um dia finalmente morremos. Infelizmente, se vive na expectativa de poder morrer em qualquer instante, apesar de que a filosofia deseja eliminar a realidade da morte, da dor, do envelhecimento, do sofrimento... querendo a eterna juventude.

A ressurreição de Jesus dá um novo sentido à vida. A fé dos primeiros cristãos se traduz em comunicação da experiência

do Cristo ressuscitado, atingindo e transformando a humanidade. A sua ressurreição é a afirmação à vida sobre todo tipo de morte e de opressão, manifestando o rosto do Deus da Vida. A ressurreição de Jesus é a esperança da nossa ressurreição. Porque Cristo ressuscitou e venceu a morte, nós também ressuscitaremos e venceremos a morte (cf. 1Cor 15,12-26).

### Referências bibliográficas

- BRUSTOLIN, Leonor Antônio. Morte reprimida, vida reduzida! A teologia diante da morte e do luto na sociedade atual. In: SOTER. *Deus e vida: desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 207-216.
- CANASTRA, Cilena do Céu Castro. *A morte: abordagem interdisciplinar*. Dissertação de Mestrado em Bioética Teológica. PUC-Porto, 2007.
- CENTRO BÍBLICO VERBO. *Caminho aberto para o próximo: entendendo o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MESTER; LOPES; OROFINO. *Círculos bíblicos do Evangelho de João*. CEBI, 2000.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- PETRAGLIA, Izavel; BASTOS, Cláudio Roberto. Morte, complexidade e educação. *Notandum Libro 13*, CEMOROC-Feusp/IJI-Universidade do Porto, p. 21-28, 2009.
- SANTOS, Silvana Sidney Costa. Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin. *Textos envelhecimento*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www2.scielo.org/ve/scielo.php>. Acesso em: 11.09.2013.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como religiosos(as), como enfrentamos o fato do envelhecimento?
2. Como nos prepararmos para morte como o fim e a plenitude da nossa vida?
3. Quais são os sinais da ressurreição na comunidade e na VRC?

## A VRC como um caminho da Justiça do Reino dos Céus

um olhar sobre Mateus

PE. MAURO NEGRO\*

*“Se a vossa justiça não superar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”  
(cf. Mateus 5,20).*

*Uma tentativa de observar mais de perto a afirmação do Mestre.*

Cada ano a Igreja no Brasil propõe, no assim chamado “mês da Bíblia”, um livro ou personagem para ser analisado, conhecido, orado e celebrado pelos fiéis. Todos os que estão na Vida Religiosa Consagrada (VRC) são fiéis batizados e devem estar sob a mesma disposição ante o texto bíblico que os demais cristãos/católicos.<sup>1</sup>

Neste ano o Evangelho segundo Mateus é proposto na liturgia da Palavra e o ano litúrgico é o ano A, que destaca este Evangelho. É notório que as leituras de Mateus compõem um rico repertório de anúncio e ensino.<sup>2</sup> Este repertório pode ser muito útil para a evangelização e instrução. É também útil para os que estão na VRC, para que encontrem-se novamente com o “primeiro amor” e retornem para o “esposo”, na profética e bela imagem de Oseias.

O que se deseja aqui é desenvolver três pontos que podem ser oportunos para uma apresentação na formação da VRC, seja a permanente, seja a formação inicial. São eles: [1] Breve pontuação do Evangelho de Mateus dentro do Novo Testamento: contexto e história; [2] Identificação do Evangelho de Mateus como texto com notável conotação pragmática; [3] Escolha de uma perícopes e breve análise de suas possíveis perspectivas para a VRC.

\* **Pe. Mauro Negro, OSJ** (Congregação dos Oblatos de São José).  
**Endereço:** Casa de Formação Juniores do Padre Pedro Magnone. Rua Marechal Pimentel, 24, Sacomã, CEP: 04148-100, São Paulo-SP, Brasil.  
**Home:** [mauronegro.wordpress.com](http://mauronegro.wordpress.com).  
**E-mail:** [mauronegro@uol.com.br](mailto:mauronegro@uol.com.br).

1. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* apresenta farto material para reflexão e exortação neste sentido: BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Verbum Domini”*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 149-40. (Coleção A Voz do Papa, 194).

2. Anúncio ou querigma e ensino ou catequese: são duas, se é possível assim chamá-las, atitudes conceituais. Os conceitos querigma e catequese (que se chamou acima de anúncio e ensino) são transformados em práticas e definem grande parte dos textos bíblicos.

3. Entende-se “temporal” como algo que pode ser constatado pela história e mensurado em suas dimensões éticas, filosóficas, teológicas, antropológicas, políticas etc. Entende-se “escatológica” o que se refere ao além disto tudo, que está em uma realidade da qual não se tem ainda o controle nem sequer o acesso.

4. O conceito “Reino” ou “Reinado de Deus” é complexo e merece não apenas um artigo, mas seguramente uma extensa pesquisa.

5. Podem ser citados muitos estudos clássicos e outros mais modernos a respeito de Mateus. Eis alguns, em língua portuguesa, que parecem ser interessantes: [1] SALDARINI, Anthony J. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. [2] CUVILLIER, Élain. *O Evangelho de Mateus*. In: MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história,*

A VRC é um caminho de conversão constante para o Reino de Deus, em suas dimensões temporais e escatológicas.<sup>3</sup> Muito já se falou no Reino de Deus,<sup>4</sup> que Mateus chama com mais frequência de “Reino dos Céus”, mas ainda há uma larga margem para se compreender este que não é apenas um conceito, mas uma realidade que os que caminham na VRC buscam. Deseja-se que este pequeno artigo possa auxiliar os que estão interessados.

## 1. Mateus: texto e contexto

São muitos os estudos aprofundados disponíveis sobre o Evangelho de Mateus e que poderão ser consultados para sua melhor compreensão.<sup>5</sup> Trata-se, contudo, de olhar o conjunto do texto mateano e compreender seu amplo contexto. Aqui se fará uma análise breve para focalizar a questão que se propõe: a qualidade da justiça que se exige dos discípulos<sup>6</sup> e sua possível atualidade<sup>7</sup> para a VRC.

### 1.1 O texto canônico de Mateus

O texto de Mateus foi abundantemente usado pela antiguidade, demonstrando-se de notável apelo querigmático e catequético, sobretudo catequético, o que se pode ver de sua própria natureza. Sua origem e marca judaica<sup>8</sup> aparecem até na identificação das cinco partes,<sup>9</sup> aludindo à Torá, de cinco livros.

Mateus é o primeiro evangelho canônico, o que pode ser significativo.<sup>10</sup> A referência ao seu primado em relação aos outros textos evangélicos é dada por Eusébio, em *História Eclesiástica*:

(...) Entretanto, somente dentre todos eles,<sup>11</sup> somente Mateus e João deixaram memória dos entretenimentos do Salvador. E a tradição refere que estes escreveram forçados pela necessidade. Mateus, de fato, pregou primeiro aos hebreus. Como devia também partir para anunciar a palavra a outros, deixou por escrito na língua pátria o evangelho, suprimindo a falta de sua presença por meio dos escritos junto daqueles dos quais se apartava.<sup>12</sup>

A informação de Eusébio não é levada tanto a sério pela exegese contemporânea, mas indica, dentro de seu contexto, a importância do texto de Mateus e sua reputação nos primeiros séculos do Cristianismo.

O Evangelho segundo Mateus já foi identificado com o “Evangelho católico”, segundo informa W. Trilling,<sup>13</sup> não tanto pelo produto final da redação, enquanto uma expressão confessional, visto que o texto mais “católico romano” pode ser encontrado em 16,13–20, mas como perspectiva de abertura de horizontes, como se pode ver em 28,18–20. É possível compreender sem dificuldades que o texto mateano constrói a figura de Jesus de modo a torná-lo compreensível para uma comunidade de fiéis que se reúne em torno à sua memória. Talvez seja este o ponto assinalado por J. Jeremias, quando põe em evidência os dois *Sitz im Leben*<sup>14</sup> do texto mateano: um de Jesus e um da Igreja nascente,<sup>15</sup> comunidade dos que se reuniam para compreender a mensagem de Jesus a partir da experiência de seus primeiros seguidores.

### 1.2 Possível divisão de Mateus

São muitas as possibilidades de divisão do texto de Mateus. Indicam-se algumas delas. A primeira é a mais evidente, em que cada narração é seguida de um discurso e estes conjuntos são repetidos cinco vezes, criando assim uma espécie de “Torá evangélica”.

O texto então é dividido em cinco partes ou livros, excetuando-se a abertura, que reúne os capítulos 1 e 2, e a grande seção final, do Mistério Pascal. Tem-se, desta forma:

1. Primeiro Livro: a Justiça<sup>16</sup> do Reino dos Céus, capítulos 3–7  
Narração: O Reino chegou: 3–4  
1º Discurso: Sermão da Montanha: 5–7
2. Segundo Livro: A dinâmica do Reino dos Céus,<sup>17</sup> capítulos 8–10  
Narração: Sinais do Reino: 8–9  
2º Discurso: Missão dos discípulos: 10
3. Terceiro Livro: O Mistério do Reino dos Céus: capítulos 11,1–13,52

escritura e teologia. [3] BARBAGLIO, Giuseppe. *O Evangelho de Mateus*. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. [4] PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*.

6. O fiel batizado é, por sua própria natureza, um discípulo. Mas o fiel batizado que ingressa no caminho da VRC assume uma nova figura de discipulado e nela encontra uma radicalidade nova.

7. O desejo de maior autenticidade por parte dos/as religiosos/as criou a exigência da busca e maior definição da identidade da VRC, o que se chama de “núcleo identitário” da VRC. Este artigo é uma humilde contribuição para reflexão e busca de respostas e caminhos de crescimento e maior autenticidade.

8. Cf. o comentário, pequeno mas oportuno, em

VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*, p. 10-11.

9. Cf. McKENZIE, John L. *Evangelho segun San Mateo*. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentário bíblico “San Jerônimo”*. Tomo III, p. 163.

10. A história da consideração do primado canônico de Mateus é relativamente complexa. Para algumas considerações possíveis, cf. McKENZIE, John L. *Evangelho segun San Mateo*. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *op. cit.*, p. 165-167.

11. O autor, Eusébio, refere-se aos seguidores de Jesus, apóstolos e discípulos.

12. EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*, cap. 24, n. 6, p. 145.

13. Cf. comentário de TRILLING, Wolfgang. *Il vero Israele*, p. 20.

Narração: Oposição: 11-12

3º Discurso: Parábolas do Reino: 13,1-52

4. Quarto Livro: A Igreja, semente do Reino dos Céus, capítulos: 13,53-18,35

Narração: Seguir a Jesus: 13,53-17,27

4º Discurso: A vida da Igreja: 18,1-35

5. Quinto Livro: A vinda definitiva do Reino dos Céus, capítulos: 19-28

Narração: O Reino dos Céus: 19-23

5º Discurso: O Filho do Homem: 24-25

Paixão Morte e Ressurreição: Mistério Pascal: 26-28

Uma segunda proposta de divisão, que de resto não fugirá muito do esquema fundamental, mas que irá inserir os primeiros e últimos capítulos na trama narrativa, consta:

Primeira parte: Mistério da Vida Oculta: 1,1-2,23

Segunda parte: Jesus na Galileia: 3,1-18,35

Terceira parte: A caminho de Jerusalém: 19,1-20,34

Quarta Parte: Em Jerusalém: 21,1-25,46

Quinta Parte: O Mistério Pascal: 26,1-28,20

Permanece ainda a divisão em cinco partes fundamentais. Esta ideia de divisão sugeriu a já citada Torá evangélica.<sup>18</sup> Se esta idealização procede, fica em aberto a questão. O que sobressai, contudo, é a dimensão comunitária<sup>19</sup> de Mateus. Ele parece ser um texto escrito para uma Igreja reunida.

### 1.3 Mateus na Igreja

Entre a questão da divisão do texto de Mateus e sua natureza pragmática, podem-se considerar alguns “marcos textuais” do Evangelho que servem também como critério de divisão. Isto parte da constatação de que Mateus é um texto fortemente catequético. As perícopes são bem organizadas em função da pregação e mesmo da leitura. Parece também que os sumários são sempre bem colocados, fazendo a passagem geográfica ou psicológica de um texto ao outro. Os momentos catequéticos por excelência parecem ser:

A. Sermão da Montanha: 5-7

B. O discurso comunitário: 9,35-11,1

C. As Parábolas do Reino: 13

D. Instruções aos Apóstolos: 19-20

E. O apocalipse sinótico ou Discurso Escatológico: 24-25

Estes são os cinco discursos, que identificam o texto de Mateus e sugerem-lhe uma referência à Torá, dando-lhe também uma identidade judaica. A cada discurso corresponde uma narração, como foi visto atrás, formando assim um belo conjunto muito útil para a Catequese. O que parece claro aqui é que anúncio e ensino ou querigma e catequese se articulam no texto, criando sequência e narrativa.

Jesus é o descendente de Davi, o Novo Messias que assume a identidade mais humilde e misteriosa de Filho do Homem.<sup>20</sup> É o Messias que vem para os seus, mas os seus não o recebem. Os magos, que são pagãos, o recebem, mas Jerusalém e as autoridades que deveriam estar atentas aos sinais dos tempos, não o aceitam.

### 2. Mateus: um texto pragmático

Mateus é um texto pragmático, no sentido de ter sido escrito em função de objetivos que parecem ser claros ou pelo menos intuitivos. Uma leitura pragmática é a que estuda os textos tendo em conta o efeito que tratam de provocar no leitor, efeito que não é somente cognitivo, mas também, e sobretudo, ético.<sup>21</sup> Esta leitura pragmática apresenta várias possibilidades que podem ser resumidas em algumas questões. A questão fundamental pode ser expressa com a pergunta: Qual a função desta palavra, deste personagem ou deste fato? A pragmática é uma investigação sobre o imediato que o texto produz.

O primeiro Evangelho canônico é todo ele uma referência à esperança messiânica de Israel. Jesus é o Filho de Abraão, Filho de Davi. Isto já está claro no próprio título do texto, que é seu primeiro versículo: “Registro do nascimento de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Mateus” (1,1).

14. *Sitz im Leben* é o famoso conceito de “lugar vital”, que deseja indicar a circunstância na qual o texto foi gerado, o que é de notável importância, pois define, em grande parte, o próprio texto. Este não é um detalhe, mas uma necessidade a ser sempre destacada.

15. Pode-se entender isto do contexto dos dois primeiros capítulos de J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, p. 7-20 (ed. original alemã *Die Gleichnisse Jesu*).

16. Na realidade, o tema da “justiça” ocupa grande parte da argumentação de Mateus e forma como que o “pano de fundo” de muitos textos, o que corresponde à sua própria índole acentualmente judaica ou que se refere ao judaísmo pós-destruição do segundo Templo.

17. O “Reino dos Céus” é um dos temas mais importantes de Mateus,

686

que os outros Evangelhos canônicos chamam de “Reino de Deus”.

18. Um debate interessante a respeito encontra-se em uma obra já antiga mas ainda válida: VV.AA. *Leitura do Evangelho de Mateus*, p. 23-27.

19. A dimensão comunitária de Mateus tem a ver com sua índole pragmática: ele aponta o caminho dos discípulos e os conduz à sua descoberta. À parte a ideia de que a expressão “pragmatismo” pode despertar em alguns, ela tem o sentido de indicação de caminho e direção da meta, bem como modo de fazer e se identificar perante a história.

20. A teologia Messias é de grande importância dentro da compreensão da Cristologia. Cf. a este respeito uma obra simples mas bem descritiva a respeito: SICRE, José Luis. *De Davi ao Messias: textos básicos da esperança messiânica*.

21. Cf. ALETTI, Jean-Noël et al.

Mateus é dirigido aos judeus e para tanto lança mão de um grande número de citações de Profetas,<sup>22</sup> interligando-as muitas vezes. Jesus é o cumpridor das Profecias e deve formar o “novo Israel”. Mas também reserva para Jesus a prerrogativa sobre a Lei que não é negada, não é suprida, e sim declaradamente cumprida: “Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas. Não vim abolir, mas completar. E eu vos garanto: enquanto não passar o céu e a terra, não passará um i ou um pontinho da Lei, sem que tudo se cumpra” (Mateus 5,17-18).

Porém, Jesus, mesmo sem negar a Lei, supera-a de modo surpreendente; é o argumento dos complementos: não oposição, mas complementos, expressos nas construções literárias do capítulo cinco: “Ouvistes o que foi dito... Eu porém vos digo...”.

O texto de Mateus tem uma dose enorme de pragmatismo, como de resto tem também os demais sinóticos, em função da necessidade de posicionar os discípulos, seguidores do Messias, perante o mundo e a história. Neste ponto a observância ou não da Lei e suas implicações no dia a dia são de notável importância. José Antonio Pagola<sup>23</sup> aborda a questão do conceito da Lei em Jesus.

O que Jesus pensava da lei? Não é fácil sabê-lo. Ao que parece, nunca se pronunciou de maneira explícita a favor ou contra. Não oferece uma doutrina sistemática sobre a Torá. (...)

Jesus confronta as pessoas não com aquelas leis de que falam os escribas, mas com um Deus compassivo. Não basta viver na dependência do que diz a Torá. É preciso buscar a verdadeira vontade de Deus, que, em não poucas ocasiões, nos pode levar além do que dizem as leis.<sup>24</sup>

Já Armand de Puig informa, com um comentário interessante, o pragmatismo de Mateus:

(...) Jesus não se afasta da Lei, mas mostra uma atitude flexível em relação a ela. Os preceitos éticos são fundamentais, enquanto

as formas rituais e de culto estão subordinadas a estes e devem sempre expressá-los fielmente. Os fariseus tendem a nivelar os 613 mandamentos em que dividem todas as normas da Escritura e das próprias tradições, e correm assim o risco de perverter a Lei. Contra a confusão resultante desta nivelção, Jesus realça o valor daquilo que é essencial. Não se anula nem se subestima a Lei, mas Jesus interpreta-a dentro de uma ética do coração, cujo centro é o mandamento do amor.<sup>25</sup>

### 3. Mateus 5,20: “Se a vossa justiça...”

O primeiro grande discurso de Jesus em Mateus está contido no chamado “Sermão da Montanha”, entre os capítulos 5 e 7, e que leva este nome pela introdução, onde se indica que Jesus subiu à montanha (5,1a) e lá, com os discípulos por perto, começou a ensiná-los (5,1b-2).

#### 3.1. Uma longa seção

Esta é toda uma longa seção que pode ser considerada uma espécie de “nova Torá”, de nova ordem proposta pelo novo Moisés. Tal como Moisés ofereceu aos hebreus, no deserto, antes da entrada na Terra Prometida aos Pais, o “ensino”, o “caminho” para a posse desta terra, assim Jesus, como novo Moisés, agora propõe o “seu” ensino e caminho para que a Comunidade que aos poucos se vai formando ao seu redor possa chegar ao Reino dos Céus.

As perícopes se sucedem de uma forma eminentemente didática: Bem-aventuranças, em 5,3-12; Metáfora do sal e da luz, em 5,13-16; A Lei que Nele (em Jesus) se cumpre plenamente: 5,17-19; A Justiça do Reino dos Céus, em 5,20-48;<sup>26</sup> A esmola, em 6,1-4; A oração: 6,5-6; O modelo de oração, Pai-Nosso, em 6,7-15; O jejum: 6,16-18; O tesouro verdadeiro: 6,19-21; A condição do discípulo na lua: 6,22-23; Deus e o dinheiro, em 6,24; O abandono à Providência: 6,25-34; A coerência (o julgamento): 7,1-5; As “pérolas aos porcos”, em 7,6-11; A Lei e os Profetas como coerência de vida: 7,12; As portas: 7,13-14; Os falsos profetas: 7,15-20; O

687

*Vocabulario Razonado de la exegesis bíblica*. Los términos, las aproximaciones, los autores.

22. As citações das profecias são recorrentes. São aproximadamente 130 passagens onde o Antigo Testamento é citado; destas, 43 apresentam-se como citações literais. É comum também que Mateus se sirva do texto grego da Septuaginta, demonstrando assim que este era usado pelos judeus e pelos primeiros cristãos. O exemplo mais claro deste uso está em Mateus 1,23. A predominância das citações veterotestamentárias são dos Profetas, não da Torá ou Pentateuco.

23. PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 298-305.

24. *Ibid.*, p. 299.

25. PUIG, Armand de. *Jesus, uma biografia*, p. 465.

26. Aqui se pode abrir uma série de textos que pontuam o que é esta justiça do Reino dos Céus.

verdadeiro discípulo, em 7,21-27; A autoridade de Jesus em falar e ensinar: 7,28-29.

O texto que interessa a esta análise é o versículo introdutório do argumento da justiça do Reino dos Céus, em 5,20. Ele faz parte de um conjunto maior, que parece começar no versículo 17. De fato, vê-se esta sequência:<sup>27</sup>

v. 17: *Não penseis que vim para destruir a lei ou os profetas. Não vim para destruir, mas para cumprir. A Lei e os Profetas, isto é, as duas primeiras partes do cânon hebraico das Escrituras, Torá e Profetas. Não está claro se o que se trata aqui é dos Profetas anteriores ou Profetas posteriores. De qualquer forma, a Torá é buscada pelos Profetas no sentido de ser por eles alimentada, ainda que não de modo formal, pois a Torá foi escrita depois de boa parte dos Livros Proféticos.*

O Antigo Testamento parece ter sido percebido, ainda em época neotestamentária, sobretudo como grandeza escritural de duas partes (...). A conhecida subdivisão tripartida ainda não é claramente perceptível, e sim a unidade dos livros do Antigo Testamento como “Lei e Profetas”, que valia como “a Escritura”.<sup>28</sup>

Os livros canônicos, para os judeus do período de formação do Novo Testamento, ainda apresentavam dificuldades de ser individuados e considerados como tal. A este respeito:

O Novo Testamento fala muitas vezes da “Escritura”, ou da “Lei”, como sua parte mais importante, e também frequentemente da “lei e os Profetas”. Só em Lc 24,44 se encontra a tríplice designação “a Lei de Moisés, os Profetas e os Salmos”. (...) Consideram-se escritos santos aqueles livros “que mancham as mãos” (*Mishná Jadaim* III, 5). Eles possuem quase uma santidade coisificada, exigindo daquele que os tocou uma ablução ritual. (...) No final do primeiro século d.C. a questão dos livros a que se podia atribuir esta santidade foi tratada pela última vez pelos rabinos.<sup>29</sup>

v. 18: *Amém, pois, digo a vós: até que passe o céu e a terra, iota um somente ou um traço de modo não passará de a lei, até*

27. A tradução é literal, conforme o texto koiné.

28. SCHMID, Konrad. *História da Literatura do Antigo Testamento*. Uma introdução, p. 276.

29. LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*, p. 157.

*que todas as coisas se cumpram.* Anuncia-se que nem sequer os detalhes da Lei, como o “iota” e um “risquinho”, que as traduções propõem geralmente como “vírgula”, não passarão. Isto evidencia o primado da Lei. Não são citados os Profetas, mas isto se compreende, pois eles estão em função e subordinação à Torá, a Lei.

v. 19: *Quem, portanto, anular um dos mandamentos estes dos menores e ensinar assim as pessoas, menor será chamado em o Reino dos Céus. Quem mas fizer e ensinar, este grande, será chamado em o Reino dos Céus.* Um longo versículo que se propõe a estrutura paralela: quem violar e ensinar o descumprimento dos mandamentos, é o menor; em paralelo, quem praticar e ensinar a prática, é o maior. O objetivo é o Reino dos Céus. Ou se é, nele, menor, no caso de não buscar a prática, ou se é, também nele, maior, no caso da prática e ensino.

v. 20: *Digo, pois, a vós, se não exceder de vós a justiça mais do que a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos Céus.* O versículo em questão parece ser continuidade do versículo anterior, praticamente como uma consequência, como indica o conectivo “pois”. Os fariseus e escribas, aqui anunciados, ensinam e praticam, ou não ensinam nem praticam.

v. 21-48. Aqui são propostos alguns mandamentos do Decálogo. Eles são citados por Jesus e otimizados em função do Reino dos Céus antes anunciado. E Jesus o faz com autoridade própria, quando afirma: “Eu, porém, vos digo...”. Aqui também o texto aparece em estrutura paralela, com antítese ou contradição: uma menção e recordação: “Ouvistes...”, uma proposta própria: “Eu vos digo...”.

### 3.2. O texto

O texto de Mateus 5,20, traduzido<sup>30</sup> literalmente, é: “Digo, pois, a vós, se não exceder de vós a justiça mais do que a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos Céus”. Quanto a possíveis variantes que o texto possa apresentar, vê-se apenas que a observação no aparato crítico de Nestle-Aland indica que este versículo é

30. Cf. a proposta de tradução de SCHOLZ, Wilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento interlinear grego-português*.

completamente omitido no códice uncial D, de Baeza, do século V. Curiosamente, parte do versículo anterior também falta no mesmo códice D, justamente uma qualidade de ação em vista do Reino dos Céus. Segue a tradução literal de ambos os versículos com alguns ajustes narrativos para fluência:

Quem, portanto, anular um dos mandamentos estes dos menores e ensinar assim as pessoas, será chamado menor no Reino dos Céus. Mas, quem fizer e ensinar, este (será) chamado grande no Reino dos Céus. Digo, pois, a vós, se não exceder de vós a justiça mais do que a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos Céus.

Note-se a estrutura em paralelo antitético,<sup>31</sup> bem próprio da poética hebraica. O conectivo “pois”, *gár*, em grego *koiné*, relaciona o versículo 20 com o anterior, o 19. É uma espécie de consequência. Esta relação interessante não será aqui analisada, mas oportunamente se voltará a este assunto.<sup>32</sup>

### 3.3 A Justiça dos discípulos

A questão da “Justiça” dos discípulos, declarada da leitura do texto de Mateus, deve ser maior do que a dos citados “escribas” e “fariseus”. Ela relaciona-se à observância da “Lei e dos Profetas”, o que lhe dá uma conotação muito particular: não se trata de uma justiça do tipo “genérica”, mas sim de uma justiça que tem identidade. Resta saber qual é esta identidade.

#### 3.3.1 Justiça: nomismo ou algo além?

Uma das questões que se propõem é quanto ao “nomismo”, que diz respeito à tendência da observância da Lei (em grego *nomós*) por parte da Igreja das origens.<sup>33</sup> Esta questão, que em uma leitura menos avisada do texto do assim chamado “Sermão da Montanha”, pode parecer de menor importância. Ao contrário, ela é decisiva.<sup>34</sup>

A primeira possibilidade é que a Lei deve ser completamente cumprida, observada totalmente pelos discípulos, o que a faz estar em vigor, e necessariamente observada. “Porque a Lei não cai, os discípulos são intimados a cumpri-la inteira e perfeitamente.”<sup>35</sup>

As duas possibilidades são cabíveis, mas uma deve ser a que seguirão os discípulos, fazendo a Tradição. No primeiro caso, ainda seguindo as ideias de Trilling, os discípulos e cristãos devem cumprir a Lei a partir da interpretação de Jesus, isto é, de modo mais intenso e profundo. Esta ideia parece ter confirmação nas sequências de propostas em paralelismo, entre os versículos 21-48.

A segunda possibilidade é de que a Lei continuaria valendo até que a obra de Jesus se completasse na escatologia. Mas implicaria um cristianismo imerso em judaísmo acentuado, desconhecido pela história subsequente. W. Trilling supõe que o que houve foi um deslocamento de sentido para a expressão “Lei e Profetas”,<sup>36</sup> mas infelizmente não esclarece mais este “deslocamento”. O que se pode entender, não sem dificuldades, é que, de uma proposta objetiva e verificável de imediato, a observância da Lei e dos Profetas passou para o “espírito” que a animava. Talvez aqui se possa harmonizar os ensinamentos expressos nas estruturas paralelas “Ouvistes o que foi dito... / Eu, porém, vos digo...”.

O que fica claro desta questão é que a justiça aqui proposta em Mateus 5,20 não é a justiça do tipo nomista, relacionada ao cumprimento de preceitos ou leis, muito embora sejam citados “a Lei e os Profetas”.

#### 3.3.2 Uma justiça “superior” à proposta pela Lei e os Profetas.

Então, que justiça é esta, se não é o cumprimento da Lei e dos Profetas tal como as Escrituras propõem? Este tipo, previsível, daria segurança a quem lê e segue a palavra do Senhor, mas ao que parece não se trata de um seguimento radical ou até fanático da “letra” da Lei e dos Profetas.

A justiça, que deve ser maior do que a dos escribas e fariseus, é a Justiça do Reino dos Céus, como o chama Mateus,

31. Para uma oportuna introdução ao tema da poética hebraica, consultar: SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*, p. 299-316.

32. O motivo desta aparente “omissão” é que, se este versículo 19 apresenta-se também importante para este argumento provocado pelo versículo 20, outros versículos também o são, como 6,1, que se observará mais à frente. Mas a extensão do artigo não permite uma abordagem mais ampla.

33. Cf. VIE-LHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento*, p. 392.

34. Cf. TRILLING, Wolfgang. *O anúncio de Cristo nos Evangelhos sinóticos*, p. 81-94.

35. *Ibid.*, p. 82.

36. *Ibid.*

ou Reino de Deus, como diriam os outros Evangelhos. Tal justiça parece que parte, sim, do cumprimento da letra, mas vai além ou mais fundo. É uma lei mais perfeita e completa.<sup>37</sup>

Parece claro que ela é diferente da justiça praticada pelos escribas e fariseus. Ela não é uma prática natural, mas um dom que Deus concede.<sup>38</sup> Sobretudo, é interessante e significativo que em Mateus 6,1 encontra-se a menção da “justiça” praticamente como um título: “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Do contrário, não receberéis a recompensa do vosso Pai que está nos céus”. Este versículo tem notável importância para a compreensão de 5,20, se é possível compreender que está em destaque o mesmo conceito difuso de justiça. Diz-se “difuso” pois o conceito se expande, quando a palavra é tomada de modo absoluto nos dois textos. Mas, olhada com atenção, há uma diferença sutil na situação em que o termo é apresentado. Enquanto em 6,1 a justiça é, como se disse atrás, uma espécie de título de reconhecimento, em 5,20 a justiça é uma proposta de superação da justiça que anteriormente podia ser compreendida pelos ouvintes, entre as quais, é ousado aqui supor, estaria este título. Em outras palavras, a justiça é maior do que um reconhecimento público, antecede-o e ultrapassa-o, pois não se trata não de uma retribuição ou de um cumprimento formal; relaciona-se a outro importante conceito: a misericórdia. Trata-se de uma justiça, sim, mas uma justiça “superior” e que por isso transforma-se, ela mesma, em um anúncio evangélico.<sup>39</sup>

A observância da Lei e das tradições serve para assegurar a justiça dos escribas e fariseus, porém esta justiça não vale para alcançar a admissão no Reino. A justiça dos discípulos deverá superar a dos escribas e fariseus: trata-se de uma submissão à vontade de Deus que vai mais além da observância da Lei.<sup>40</sup>

### 3.3.3 José, esposo de Maria e pai de Jesus: “o justo”

No texto de Mateus, que fala de justiça e que a exige como qualidade de pertença ao Reino dos Céus, um personagem

37. McKENZIE, John L. Evangelho segun San Mateo. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentario biblico “San Jeronimo”*. Tomo III, p. 186.

38. SCHRENK, G. *dikaïos*. In: MONTAGNINI, F.; SCAPTAT, G.; SOFRITTI, O. *Grande lessico del Nuovo Testamento*. Vol. II, coluna 1255.

39. Cf. o antigo mas ainda interessante comentário do caderno bíblico: VV.AA. *A mensagem das bem-aventuranças*, p. 88.

40. McKENZIE, John L. Evangelho segun San Mateo. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E., op. cit., mesma página.

é identificado, logo no início, com o “justo”. Trata-se de José, esposo de Maria. Em 1,19 lê-se: “José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo”. Somente este versículo já daria possibilidades teológicas interessantes.<sup>41</sup> O que sobressai aqui é a prática que o personagem, identificado com o “justo”, realiza por conta de sua justiça. Ele tinha a possibilidade, segundo o texto de Mateus, de denunciar sua esposa, Maria, mas decidiu repudiá-la ou desligá-la em segredo. A pergunta que se faz é: por que esta situação? Tomando-se o texto na sua expressão narrativa e interpretando-o como um fato também vivenciado, não apenas teologizado, uma resposta parece óbvia: por amor à noiva, futura esposa. Outra resposta que pode aqui ser muito elucidativa é pela justiça que José experimenta.

A justiça superior àquela dos fariseus e escribas vai além da Lei, ultrapassa o nomismo e enraíza-se na pertença ao Reino dos Céus. É assim que José, Esposo e Pai, pode ser o primeiro modelo da justiça que o Senhor propõe no Sermão da Montanha.

### 3.4 A pertença a um projeto de vida

A proposta de Jesus, em Mateus, soa como uma provocação aos discípulos: “Se a vossa justiça não for maior do que a justiça dos fariseus e escribas...”. Ela é um convite a uma nova experiência, superior àquela antiga do mundo do judaísmo do segundo Templo. É preciso ser justo além das convenções e costumes, muito embora eles identifiquem um caminho que, seguramente, era para Deus, o que é afirmado pela importância da Lei e dos Profetas.

A Lei e os Profetas conduzem até este ponto, e não serão negados, mas a justiça que se espera de quem entrou no Reino dos Céus é diferente. Não é retribuição, adequação a uma situação, juízo de valor diverso do que antes se afirmava.

O projeto de vida é um caminho previamente traçado, uma metodologia escolhida, tendo em conta um ponto de

41. Cf. o estudo de NEGRO, M. O justo José. *Revista de Cultura Teológica*. José aparece identificado com o justo que vai além da Lei, subentendida no texto como conhecida da parte de quem o lê. Ele corresponde, seguramente, ao novo modelo de discípulo que se estabelecerá no Sermão da Montanha, em especial no texto que aqui se analisa.

partida e um de chegada. O ponto de partida é a Lei e os Profetas, que não são negados, mas que são, certamente, superados, pois é preciso ser mais e ir mais além que eles. O ponto de chegada está no Messias Jesus e no Reino que Ele estabeleceu e ajudou a revelar. O caminho é a justiça que deve ser maior do que a dos escribas e fariseus.

Este parece ser o projeto de vida cristã ao qual todo batizado é chamado, de modo especial o que se decidiu pela VRC. Se o batizado já é um discípulo, o fiel que entrou no caminho da vida dedicada ao Senhor através das realidades do mundo e da Igreja é também discípulo, e por uma nova circunstância: a adesão total ao seu chamado, tal como os discípulos e ouvintes das palavras de Jesus no Sermão da Montanha. A justiça que ele deverá viver está no sentido de ultrapassar o que se esperaria dos escribas e fariseus.

### **Conclusão – O Reino dos Céus no Tempo e na Escatologia: o caminho da justiça**

Os escribas e fariseus são especialistas nas questões da Torá, que é o caminho que se deve fazer para chegar até Deus, segundo a fé de Israel. Mas é preciso ultrapassá-los! A superação vem por uma justiça que não é relativa ao cumprimento de normas ou estatutos. Ela vem por uma adesão interior, de inteligência e de vontade, por parte de quem entendeu que este é caminho do discípulo. Este caminho implica uma nova personalidade para quem o faz – trata-se do servo, que se identifica com o Mestre e com o qual o Reino dos Céus se estabelece. Em Lucas 22,27 lê-se: “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve”. Odilo Scherer indica, em uma extensa pesquisa, o caminho do discípulo, justo e servidor. A certa altura, concluindo sua pesquisa, encontra-se:

Atrás dessa caracterização do discipulado (...) manifesta-se, portanto, um modo de compreender a soteriologia numa dimensão de solidariedade e comunhão de destino com Jesus, que não se atém exclusivamente aos modelos jurídicos e cúltricos da

satisfação e do sacrifício expiatório (...). O discipulado, como seguimento de Jesus Cristo e comunhão com o seu caminho, destaca bem que a fé não se reduz a um assentimento intelectual que se dá a algumas verdades sobre Deus ou Jesus Cristo, mas envolve toda uma “vida na fé”, portanto, uma “práxis cristã”.<sup>42</sup>

A Justiça, por parte dos discípulos, deve ser maior e mais plena do que a dos escribas e fariseus. Ela abre as portas para o Reino dos Céus. A entrada no Reino dos Céus é, ela mesma, a pertença a um projeto de vida específico que se traduz em modo de ser, viver e fazer. Os que se tornaram discípulos entraram nesta dinâmica, e Mateus ensina que é preciso ter uma justiça maior e, seguramente, melhor.

### **Bibliografia**

- ALETTI, Jean-Noël et al. *Vocabulario Razonado de la Exegesis bíblica*. Los términos, las aproximaciones, los autores. Madrid: Verbo Divino, 2007.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Verbum Domini”*. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção A Voz do Papa, 194).
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. Tradução de Monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Patrística, 15).
- McKENZIE, John L. Evangelio segun San Mateo. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Comentário bíblico “San Jeronimo”*. Tomo III. Tradução de Alfonso de la Fuente Adanez, Jesus Valiente Malla, Juan Jose del Moral. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.
- MONTAGNINI, F.; SCAPTAT, G.; SOFFRITTI, O. *Grande lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1966. v. II.
- NEGRO, Mauro. O justo José. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: PUC São Paulo/Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (impressão: Paulus), v. 20, n. 77, p. 111-140, jan./mar 2012.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PUIG, Armand. *Jesus, uma biografia*. Tradução de Lara Almeida Dias. 2. ed. Porto: Paulus, 2010.

42. SCHERER, Odilo Pedro. “Justo sofredor”: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo, p. 318-319.

- SALDARINI, Anthony. *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Bíblia e História).
- SCHERER, Odilo Pedro. “*Justo sofredor*”: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995. (Coleção Fé e Realidade, 34).
- SCHMID, Konrad. *História da Literatura do Antigo Testamento*: uma introdução. Tradução Uwe Wegner. São Paulo: Loyola, 2013.
- SCHOLZ, Wilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- TRILLING, Wolfgang. *O anúncio de Cristo nos Evangelhos Sinóticos*. Tradução de J. Rezende Costa. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.
- VV.AA. *A mensagem das bem-aventuranças*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1982.
- VV.AA. *Leitura do Evangelho de Mateus*. Tradução de Benôni Lemos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção Cadernos Bíblicos).
- VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva*: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos no Novo Testamento e os Pais Apostólicos. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2012. p. 292-93; 385-395.

### ***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Qual identidade o fiel batizado, ao entrar na VRC, pode assumir, tendo em conta o texto do Sermão da Montanha e, em especial, os versículos aqui analisados?
2. Qual a justiça que se espera do discípulo que ouve o Mestre, que propõe um novo modo de crer e agir?
3. Que modelo pode-se ver, em Mateus, desta justiça que se estabelece como nova, maior do que a dos es-